



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE: UMA SÉRIE RADIOFÔNICA

AUTORA: LUIZA MACHADO

ORIENTADORA: NÉLIA DEL BIANCO

MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO

BRASÍLIA – DF

NOVEMBRO DE 2011

LUIZA MACHADOAGUIAR SILVA

QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE:
UMA SÉRIE RADIOFÔNICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Nélia Del Bianco _____

Convidada: Regina da Silva _____

Convidado: Carlos Eduardo Esch _____

Suplente: Solano Nascimento _____

ALUNA APROVADA COM A NOTA: _____

BRASÍLIA, DEZEMBRO DE 2011

À minha mãe, carinhosamente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos os meus entrevistados, por terem confiado a mim parte de suas vidas.

A todos os meus “produtores informais”, que me ajudaram na busca de personagens. Sei o tanto que ser amigo de estudante de jornalismo ou de jornalista pode ser irritante. Muitas vezes.

À Nélia Del Bianco, pura competência, pelo doce rigor durante a orientação deste trabalho.

Aos técnicos Carlos Júnior e Josevaldo Sousa. Sem eles, os roteiros não teriam saído do papel.

Aos professores da FAC, por terem me ensinado tudo o que sei da profissão que escolhi para a minha vida.

Às queridas amigas Helena Martins e Mariana Bittencourt, irmãs que a vida generosamente me deu.

Às amigas Juliana Figueiredo, Bárbara Vasconcelos, Lílian Pessoa, Cecília Garcia, Fernanda Sá e Carolina Fernandes, por tornarem esses quatro anos de FAC muito especiais.

À Marina Franceschini, minha inspiração jornalística, por ter me colocado nesse meio louco quando eu ainda era pequena. Tive a certeza de que queria ser jornalista ao ver a placa “NO AR” acesa aquele dia com ela na Band.

À Thaís Franceschini, minha companheira de eterna adolescência e definitivamente uma das maiores amigas que tenho.

Ao Rodrigo Franceschini, primo-irmão querido, pelo carinho e atenção desde que eu ainda era um “saurinho”.

Aos queridos tios Consolação e Itacir Franceschini, pelos quais sou completamente apaixonada desde que me entendo por gente.

À minha amada mãe, simplesmente por ser a melhor mãe do mundo e ter me ensinado tudo o que sei dessa vida. Sem ela, nenhuma conquista minha teria sido possível.

RESUMO

O Brasil está envelhecendo em ritmo acelerado. Hoje, são mais de 20 milhões de habitantes com mais de 60 anos de idade, de acordo com dados do IBGE. A projeção é de que teremos mais de 50 milhões de idosos no país em 2050. Por estar ocorrendo de uma forma muito rápida, a chamada transição demográfica (ou envelhecimento populacional) causa mudanças na forma como os idosos se enxergam e na maneira com que a sociedade os vê.

Esta série de reportagens, desenvolvida ao longo deste ano, mostra um lado pouco explorado pela mídia brasileira: as tendências comportamentais de um país que está mergulhando no envelhecimento populacional – como a sociedade se prepara para receber os idosos, o que ainda falta fazer, as conquistas recentes, enfim, o que muda no comportamento e na maneira de pensar dos idosos e da sociedade em geral.

Palavras-chave: idosos, Brasil, qualidade de vida, mudanças, comportamento

ABSTRACT

Brazil is getting older rapidly. Today, there are more than 20 million 60 year-inhabitants, according to IBGE data. There will be more than 50 million of elderly persons in 2050. Occurring in a rapid way, the demographic transition (or population aging) causes changes on the way old people see themselves and in the way the society sees them.

This report, developed during this year, shows a non explored side by the Brazilian media: the behavioral tendencies of a country which plunges on the population aging - how the society is preparing itself to receive the elderly people, what lacks to do, the recent achievements, and ultimately, what is changing on the old-people behavior and on their way of thinking, as well as the society way of thinking.

Key-words: elderly, Brazil, life quality, society, changes, behavior

SUMÁRIO

1	Introdução	1
2	Problema da pesquisa	5
3	Justificativa.....	8
3.1	Público-alvo em crescimento	8
3.2	Jornalismo como prestação de Serviço	10
3.3	Uma visão diferente	11
4	Objetivos.....	13
5	Referencial Teórico	15
5.1	Do jornalismo.....	15
5.2	Do rádio	16
5.3	Do Conteúdo	19
6	Metodologia.....	24
6.1	Sobre a apuração	24
6.2	Sobre as entrevistas.....	31
6.2.1	Entrevista Perfil	32
6.2.2	Linguagem usada nas entrevistas	34
6.2.3	Técnicas de entrevista.....	35
6.2.4	Construção ativa	38
6.3	Elaboração dos roteiros.....	39
6.3.1	Seleção do que entrar.....	39
6.3.2	Jornalismo como ponto de vista	41
6.3.3	Contexto Histórico.....	42
6.3.4	Humanização	43
6.3.5	Linguagem Radiofônica	45

7	Conclusões.....	48
8	Bibliografia.....	52
8.1	Bibliografia referenciada	52
8.2	Bibliografia consultada	56
9	Anexos.....	58
9.1	Orçamento.....	58
9.2	Roteiros	58
9.2.1	Primeira Reportagem.....	58
9.2.2	Segunda Reportagem.....	64
9.2.3	Terceira Reportagem	71
9.2.4	Quarta Reportagem.....	79
9.2.5	Quinta Reportagem.....	87
10	Fotos	93
10.1	Segunda Reportagem.....	93
10.2	Terceira Reportagem	94
10.3	Quarta Reportagem	95
10.4	Quinta Reportagem	97

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é terceira idade, com um enfoque em mudanças no comportamento dos idosos, visando conquistar qualidade de vida. Cabe, antes de prosseguir, ressaltar que, baseado na definição das Nações Unidas (ONU), o idoso é toda pessoa com 60 anos ou mais em países em desenvolvimento. Em países já desenvolvidos, o idoso tem 65 anos ou mais. Como estamos em um país em desenvolvimento, adotei para este trabalho a idade de 60 anos para caracterizar uma pessoa idosa.

Antes conhecido como um país jovem, hoje o Brasil está vendo sua população envelhecer em um ritmo muito mais rápido do que foi o envelhecimento populacional na Europa. Dados do IBGE confirmam este aumento no número de idosos brasileiros. Em 1990, eles representavam 4,8% da população total do país; em 2000, o percentual subiu para 5,9%. O Censo de 2010 mostra que, hoje, as pessoas acima dos 60 anos já representam 11% da população total brasileira, ou seja, somam mais de 20 milhões.

A explicação para a rapidez deste fenômeno é uma soma de fatores: primeiro, temos a emancipação feminina. O trabalho, a pílula anticoncepcional e a visão da mulher sobre o seu papel na sociedade contribuíram para que ela tivesse cada vez menos filhos, diminuindo a taxa de fecundidade. Dados do IBGE indicam que, em 1940, a média de filhos que a mulher tinha era 6,2. Em 2000, o número caiu para 2,3. O último dado, de 2010, mostra que a mulher, hoje, tem uma taxa de fecundidade de apenas 1,9. O que, conseqüentemente, causa uma queda no percentual da população jovem.

Outro fator que contribui para a transição demográfica é a melhoria nas condições de vida na população brasileira. Dados de uma pesquisa de trabalho do IBGE mostram que, em março de 2002, a renda média do brasileiro empregado era de R\$ 922. Em setembro de 2011, o número subiu para R\$ 1.607. Com mais condições, as pessoas passam a melhorar seus hábitos de vida e, conseqüentemente, a longevidade aumenta. Em 1980, a expectativa de vida do

brasileiro era de 63 anos. Em 2000, o número pulou para 71. Hoje, o país experimenta a maior expectativa de vida já registrada: 73 anos.

Como antigamente a maioria das pessoas não chegava aos 60 anos, elas não se preocupavam muito com o envelhecimento, uma vez que achavam que nem chegariam lá. Com isso, criou-se a ideia de que a velhice era uma fase em que as pessoas não tinham uma vida ativa, não conseguiam se movimentar com facilidade ou fazer o que queriam. O estigma surgido a partir dessas ideias condenavam os idosos a serem pessoas infelizes, incapazes, sem sonhos e sem esperança de um futuro longo e alegre.

Com a expectativa de vida aumentada, as pessoas começam a ver que existe vida a partir da terceira idade. E, assim, surgem novas perspectivas para esta fase. Os adultos começam a se programar para ter mais qualidade de vida e, assim, os idosos se tornam cada vez mais ativos e participativos, fazendo atividades físicas, viajando, saindo para dançar e se divertir, tendo uma vida cultural ativa e etc.

Essa tendência ainda está mais concentrada nas classes média e média alta. O fenômeno, porém, deve arrastar essa nova maneira de pensar para as classes mais baixas, que se espelham nas classes mais privilegiadas e acabam pegando seus hábitos. Com a melhoria da desigualdade - mesmo que ainda seja grande - e as melhores condições de vida da população brasileira, será possível se aproximar um pouco do estilo de vida dos mais privilegiados, como confirmam sociólogos especializados em terceira idade no Brasil.

A série **Qualidade de vida na terceira idade** abrange temas que tratam de coisas básicas para se ter uma vivência feliz e saudável quando se é idoso. A ideia do projeto não é falar de pontos burocráticos, como previdência social. O enfoque é construir um novo perfil dos idosos, fazendo do trabalho uma série comportamental. A partir de leituras e entrevistas com especialistas, pude passar para o ouvinte o que tem de diferente nos idosos de hoje em relação aos de antigamente. E, para isso, selecionei quatro temas para tratar essas mudanças e a qualidade de vida que elas trazem.

Na primeira reportagem, o espectador tem uma noção geral da transição demográfica brasileira. A partir de vários dados do IBGE, pude mostrar a velocidade com que o país envelhece e o aumento na expectativa de vida. Lá, especialistas explicam o porquê deste fenômeno ocorrer tão rapidamente no Brasil e suas consequências. Trato também das conquistas recentes dos idosos, como o Estatuto do Idoso, assim como as dificuldades ainda existentes, tanto por conta da burocracia para fazer valer esses direitos quanto por conta da sociedade, que ainda precisa amadurecer para receber melhor esse número crescente de idosos. Especialistas falam sobre o que já foi feito e o que a sociedade ainda precisa fazer para melhorar o tratamento a esse grupo. Eles destacam, ainda, a maior atividade dos idosos de hoje e a tendência de que isso se generalize cada vez mais. A partir daí, tracei temas específicos para tratar com mais detalhes essas transformações.

Na segunda reportagem, sobre aposentadoria, conto histórias de idosos que não pararam as atividades após a aposentadoria, um traço marcante dentre as mudanças comportamentais observadas por especialistas. A ideia, aqui, não é falar sobre previdência, mas mostrar os novos hábitos dos idosos brasileiros. Dados sobre número de aposentados ativos e sobre o interesse em fazer novos cursos após a aposentadoria, entre outros, confirmam a nova tendência de se manter ativo durante a velhice. Os personagens explicam o porquê da escolha por não parar as atividades, o que ganham em termos de qualidade de vida, como se sentem. Faço também um link com a memória. Especialistas confirmam que se manter ocupado ajuda nos pequenos problemas de memória que podem ocorrer quando a pessoa vai ficando mais velha.

Na terceira reportagem, que fala sobre atividades físicas, mostro o aumento na adesão do grupo aos esportes a partir de dados de pesquisas recentes. Com personagens divertidos e muito ativos, a ideia é mostrar que terceira idade combina sim com exercícios. Especialistas explicam a importância de se fazer alguma atividade quando se está mais velho e desvendam alguns mitos frequentes sobre terceira idade e esportes, além de explicarem como a atividade física traz qualidade de vida ao idoso.

A quarta reportagem fala sobre relacionamentos. Dados do IBGE mostram um número surpreendente de pessoas que se casam após os 60 anos. Especialistas - psiquiatra, psicóloga e sexólogo - explicam o porquê desse número. Hoje, os divórcios são muito mais frequentes do

que antigamente. Por isso, as pessoas se separam já mais velhas e reconstróem sua vida afetiva com mais idade. Além disso, o preconceito da sociedade, apesar de ainda existir e não ser pequeno, está diminuindo aos poucos e os idosos estão mais livres para se relacionar. Um dado, porém, deixa o país em alerta: o número de idosos com Aids aumentou 300% nos últimos anos, consequência da maior atividade sexual e também da chegada do Viagra ao mercado. No entanto, quando a relação é saudável e os idosos se protegem, relacionamentos ajudam na qualidade de vida, segundo os especialistas. E os personagens confirmam o que eles dizem.

Fechando a série, a quinta reportagem fala sobre beleza. Conceito sempre - ou quase sempre - associado à juventude, geralmente não sobra espaço para que os idosos sejam vistos como belos. Isso, porém, também está mudando. O número de idosos que procuram procedimentos estéticos aumentou bastante, o que quer dizer que a autoestima e vontade de estar bem consigo mesmo também está aumentando. Os especialistas confirmam a tendência e ainda dizem que os ganhos, entre os idosos, são maiores, revelando uma maior satisfação e, conseqüentemente, mais qualidade de vida. Personagens como a Miss Terceira Idade do Distrito Federal contam como a beleza ajuda na hora de encarar a velhice com mais alegria e de uma forma positiva. A reportagem traz também um alerta: quando a busca pela beleza vira algo obsessivo, a pessoa deve procurar ajuda.

As grandes mídias, até há pouco tempo, tratavam do tema terceira idade como algo ruim, mostrando apenas o lado mais complicado de ser idoso - as dificuldades, a violência, o preconceito. Hoje, porém, as perspectivas da mídia estão melhorando. Já vemos reportagens sobre maior atividade entre idosos, mostrando que é possível ser feliz e ter uma vida boa quando se está na terceira idade. Isso, na verdade, é o meu objetivo com este trabalho: mostrar o lado bom, desconstruir essa imagem negativa dos idosos, baseada em informações de uma época muito diferente do que vivemos atualmente. Não ignorei, em momento algum, as dificuldades que o grupo sofre. Apenas escolhi um olhar diferente do proposto pelas grandes mídias e quis explorar algo pouco explorado: o lado bom de ser idoso, o que eles vêm ganhando em termos de qualidade de vida e felicidade e o que acontece com a sociedade quando o país mergulha no envelhecimento populacional.

2 PROBLEMA DA PESQUISA

A primeira inquietação que surgiu com este trabalho foi o fato da grande mídia raramente falar sobre comportamento dos idosos. Fiz uma breve pesquisa nos principais sites de notícia e, geralmente, os velhos apareciam nas matérias como vítimas de preconceito, do sistema de saúde, de doenças, enfim, aparecem como sofredores. Assim, ficou a dúvida: por que ninguém noticia algo tão evidente, como as mudanças na postura dos idosos? Será que o trabalho que pretendo fazer realmente tem valor-notícia? No livro *Velhices: reflexões contemporâneas*, do SESC São Paulo, autores do artigo *Quais são as imagens dos idosos na mídia?* apresentam um trabalho feito pelo grupo de pesquisa "Longevidade, Envelhecimento e Comunicação", que analisou notícias de quatro jornais paulistas durante um período de seis meses, entre 2004 e 2005. De 1980 notícias referentes à terceira idade, 321 se referiam à aposentadoria/previdência, um total de 16%.

"A imagem da velhice pela aposentadoria e previdência, na sua maioria, é apresentada por meio de filas enormes de pessoas idosas à espera do recebimento da aposentadoria, ou então idosos à frente de uma grande fila, à espera de serem atendidos nos postos do INSS. Cenas que mostram imagem negativa da velhice e retratam a exclusão, marginalização e carência das pessoas idosas, além do descaso público" (CORTE e GOMES, 2006, p.33).

Depois, vem o tema "violência", com 140 reportagens.

"Essas e outras tantas manchetes são fundamentais para entendermos como as versões sobre a imagem da velhice na mídia acabam por se manifestar e impor-se na nossa cultura. Uma discussão que questiona o próprio papel e atuação do jornalismo mais especificamente, como articulador de uma imagem sobre a velhice" (CORTE e GOMES, 2006, p.34).

As dúvidas, assim, foram resolvidas. Ao perceber o jornalismo como um olhar, vi que tratar o envelhecimento populacional não como algo factual, mas como um tema abrangente e

cheio de possibilidades poderia render um trabalho diferente do que costuma ser mostrado. Ao falar somente sobre fatos recentes e novas pesquisas, a mídia deixa de passar para o receptor uma visão mais completa sobre o tema. Não basta dizer que o país está ficando mais velho, é necessário contextualizar o envelhecimento populacional: quais as causas? E as consequências? Como o fenômeno influencia hábitos da sociedade?

Baseando-me no que falta na grande mídia, pautei o meu trabalho. Além de tentar contextualizar ao máximo o envelhecimento populacional no Brasil, tentei investigar quais as mudanças no comportamento dos idosos nas últimas décadas. Como eles vivem cada vez mais, já existe uma preocupação com o futuro, a fim de vivê-lo de uma forma mais saudável e ativa. Ao longo do trabalho, porém, algumas reportagens neste mesmo sentido começaram a aparecer em mídias tradicionais. O Correio Braziliense, por exemplo, soltou algumas matérias comportamentais mostrando este lado mais otimista da velhice - geralmente, elas estavam na editoria Saber Viver. Por um lado, achei bom, uma vez que a dúvida sobre a validade do trabalho estava resolvida. Por outro lado, a vontade de apresentar um trabalho totalmente inédito foi frustrada.

A segunda inquietação foi uma questão mais complicada. Como fazer uma série comportamental sem me esquecer dos idosos que passam por vários tipos de problemas? Não pude, em momento algum, ignorar que ainda há muitas pessoas com mais de 60 anos vivendo em situações precárias e passando por várias dificuldades - não lembrar esses fatos seria contra os princípios éticos do jornalismo. Sei que ainda existe muito preconceito, violência e discriminação contra idosos e os coloquei na primeira reportagem.

Na escolha das sonorais e na etapa de redação do texto, ressaltéi os pontos positivos e os avanços da terceira idade, mas também deixei claro que a sociedade ainda precisa amadurecer muito e que as leis ainda não são todas cumpridas. Além disso, nas reportagens seguintes - que tratavam exclusivamente do comportamento dos idosos - coloquei sempre o contraponto às tendências apresentadas. Acho que, com isso, consegui um equilíbrio maior, já que a imparcialidade e objetividade são princípios muito complicados de se seguir (ver tópico 6.3.1).

Por se tratar de uma série comportamental, esses problemas ficaram menos relevantes do que seriam caso a série fosse factual. Neste último caso, seria imprescindível tratar as

dificuldades de uma forma mais profunda - este poderia ser o foco da reportagem. No caso da série comportamental, porém, o que é realmente importante é a tendência dos comportamentos e hábitos de vida dos idosos. Sendo assim, foi suficiente citar os problemas na primeira reportagem, para depois tratar das projeções comportamentais.

Outro problema foi em relação à escolha de personagens. A priori, falaria com uma classe social específica. Como as mudanças comportamentais começam pelas classes média e média alta, pensei em conversar com pessoas pertencentes a esses grupos. Depois de um tempo, porém, mudei de ideia. Como a socióloga Analia Soria disse na entrevista (presente na reportagem 1), os novos comportamentos vão atingir todas as classes com o tempo, já que os mais pobres tendem a imitar os costumes dos mais privilegiados. Além disso, o Brasil experimenta uma melhoria nas condições de vida de toda a população. Assim, até as classes mais baixas começam a vivenciar hábitos de vida mais saudáveis e "elitizados".

Como os novos hábitos já estão presentes até mesmo em classes mais baixas, variei as classes dos personagens, com o objetivo de mostrar que as tendências estão realmente atingindo muitos idosos - basta querer mudar de atitude. A maioria dos entrevistados mora em cidades-satélites, como Gama, Guará e Taguatinga. Alguns no Plano Piloto e outros, no Lago Sul. Quis, com essa variedade, mostrar que, independente da classe ou condição financeira, as tendências comportamentais estão aí, espalhadas pelos mais variados cantos.

3 JUSTIFICATIVA

3.1 PÚBLICO-ALVO EM CRESCIMENTO

O conceito de valor notícia pode ser definido como os critérios de noticiabilidade de um fato.

“Definida a noticiabilidade como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias, podemos definir os valores/notícia (news values) como uma componente da noticiabilidade”. (WOLF, 2003, p.195).

Mauro Wolf cita como valores-notícias principais o interesse e a importância da notícia (2003, p.208 e 213). A importância, para o autor, está nos seguintes valores: 1) Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; 2) impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; 3) quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; 4) relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação.

Importância do público-alvo / impacto sobre a nação e interesse nacional

Tendo Wolf como base, pego o terceiro valor por ele descrito como critério de noticiabilidade (quantidade de pessoas que o acontecimento envolve). O Brasil nunca experimentou um aumento tão grande no número de idosos, que já representam 11% da população. Aplicando o critério neste caso, cresce a importância de se noticiar fatos relacionados à terceira idade na medida em que boa parte da população está inserida neste grupo.

Ainda com base nas ideias de Mauro Wolf, relembro aqui o segundo valor que caracteriza a importância de uma notícia: impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional. Conforme já ressaltado na introdução deste trabalho, o fenômeno do envelhecimento populacional tende a mudar a perspectiva de toda a sociedade. Além de terem importância numérica, a população idosa começa a movimentar boa parte da economia, ganhando importância na sociedade.

De acordo com uma pesquisa da e-bit, portal de compras pela internet, 25% das aquisições no comércio eletrônico são feitas por pessoas acima dos 60 anos, mostrando não apenas um forte consumo, mas também o aumento no uso do computador por pessoas dessa faixa etária. No mercado de capitais, os maiores de 60 anos também têm um peso grande. O número de idosos presentes na Bolsa de Valores aumentou 39% nos últimos anos, de acordo com pesquisa encomendada pela BM&F Bovespa. Em 2009, 9,7% dos investidores eram idosos; hoje, o percentual aumentou para 11,7% (36% do volume), sendo responsável por um total de R\$ 37,7 bilhões em ações. E, no consumo, os idosos também não ficam para trás.

"É fato que a grande maioria do público idoso possui um poder aquisitivo acima da média nacional e um poder de compra cada vez maior, consequência de uma longa vida de trabalho e poupança. A GKF Indicator realizou uma pesquisa em 2005, provando que 85% dos idosos brasileiros, acima de 60 anos, possuem renda pessoal, o que equivale a R\$ 7,5 bilhões injetados na economia todos os meses. No Brasil, 80% das compras são feitas por mulheres, dentre as quais 34% têm mais de 50 anos." (MENDONÇA, 2005, p.73).

Uma vez que o envelhecimento populacional atinge toda a nação, seja direta ou indiretamente, começa a valer o critério destacado por Mauro Wolf de que o impacto sobre a nação e o interesse nacional são valores notícia. Seja na postura em relação aos idosos, seja na importância que o segmento tem para a economia, seja na importância até mesmo numérica, o fato é que os idosos estão transformando a sociedade. Sendo assim, temos mais esta justificativa para o trabalho.

"[...] vários determinantes - demográficos, culturais, econômicos - confluem para que a questão do idoso seja extremamente importante para a sociedade como um todo" (VERAS e CAMARGO JR, 1995, p. 26).

Com a maior expectativa de vida, espera-se que a maioria dos brasileiros chegue aos 60 anos - e fazendo parte do grupo de idosos, participando na sociedade, enfim, com uma vida ativa. Assim sendo, a série torna-se de importância para todos, que devem se preparar para chegar nesta fase da vida e podem encontrar, na série, dados importantes para um envelhecimento feliz. Além disso, grande parte dos brasileiros convive com idosos, sejam parentes, amigos, colegas de trabalho, enfim. Portanto, faz parte do cotidiano de todos saber lidar com as diferenças.

A série **Qualidade de vida na terceira idade** trata das mudanças comportamentais dos idosos, sendo uma projeção do que podemos esperar desse grupo no futuro. Pegando o quarto critério valor-notícia de Wolf (2003), temos "relevância e significância do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação", o que é outra justificativa para este produto, uma vez que ele pretende mostrar os desenvolvimentos futuros de uma determinada situação.

3.2 JORNALISMO COMO PRESTAÇÃO DE SERVIÇO

Uma das missões do jornalismo é prestar serviço à sociedade, podendo também colaborar para um maior desenvolvimento, como lembra Guilherme Canela em seu artigo *A cobertura jornalística das políticas públicas sociais: elementos para debate*, presente no livro *Políticas Públicas Sociais e os Desafios para o Jornalismo*.

"A mídia noticiosa é livre, portanto, passa a ser vista não apenas como uma instituição central para a garantia de outros direitos civis e/ou dos direitos políticos. [...] há uma percepção, cada vez mais consolidada, de que a mesma imprensa é de primordial importância para também garantir os diferentes elementos que contribuem para o alcance de um Índice de Desenvolvimento Humano mais elevado" (CANELA, 2008, p.13)

Este trabalho pretende, também, prestar serviço à população, que se adapta ao fenômeno do envelhecimento populacional e ainda está "perdida" em relação a isso. Por estar ocorrendo no momento, é importante noticiar os fatos para jogar luzes sobre a terceira idade. Há ainda

muito preconceito da sociedade, sendo necessário que se fale mais sobre o assunto e esclareça pontos ainda obscuros quando o assunto é a população idosa. No artigo *Quais são as imagens dos idosos na mídia?*, fala-se sobre o Fórum Mundial de ONGs sobre o envelhecimento, organizada pela ONU, com o objetivo de discutir interesses e necessidades das pessoas idosas.

“Os participantes definiram, entre outros pontos, que os meios de comunicação devem informar sobre a realidade, diversa e plural, das pessoas idosas, capacidades e necessidades, a fim de se eliminar estereótipos entre as gerações e reduzir as barreiras para a participação” (CORTE e GOMES, 2006, p.31)

A série **Qualidade de vida na terceira idade** pretende mostrar que o estigma do idoso como uma pessoa doente e sem utilidade está sumindo. Assim, tem como um dos objetivos desmistificar ideias negativas dos idosos, retirando estereótipos e tentando reduzir as barreiras para a participação, como recomendado pelo Fórum Mundial de ONGs sobre envelhecimento.

Além do serviço à sociedade, o trabalho presta serviço também aos próprios idosos. Em todas as reportagens, dados, pesquisas e especialistas dão dicas e orientam o ouvinte idoso para que ele tenha uma vida com mais qualidade. Na reportagem sobre atividades físicas, por exemplo, especialistas alertam sobre o perigo de ser sedentário, dão dicas para quem quer começar a praticar algum esporte, explicam como o exercício traz qualidade de vida e indicam as modalidades mais indicadas para cada tipo de problema. Na reportagem sobre relacionamentos, dados sobre Aids alertam o ouvinte sobre os perigos do sexo sem proteção. Na última reportagem, sobre beleza, especialistas explicam os perigos de querer ser belo a qualquer custo e falam quando se chega ao ponto de procurar ajuda.

3.3 UMA VISÃO DIFERENTE

O jornalista sempre deve buscar uma visão original dos fatos. Visões frequentemente divulgadas na mídia acabam caindo na monotonia e não trazem nada de novo ao espectador. Aliás, trazer algo novo é um dos traços do jornalismo e deve ser seguido. O enfoque escolhido, além de quase não ter sido abordado ainda, serve como reflexão sobre os rumos da sociedade quando o assunto são mudanças na mentalidade das pessoas. O envelhecimento

populacional está ocorrendo e cada vez mais a sociedade será influenciada por ele. Logo, torna-se muito relevante estudar esses rumos e tendências, para que se corrijam posturas que ainda deixam a desejar, como a falta de respeito aos idosos, e para que se possam planejar medidas de conscientização da sociedade, o que ainda falta para os brasileiros.

"Vem se observando que na sociedade contemporânea a mídia ocupa papel central na vida de muitas pessoas, e a comunicação tem servido para legitimar discursos, comportamentos e ações (Rodrigues, 1994). A mídia veicula certas representações dos velhos, da velhice e do envelhecimento, exerce a função de ponto de referência. A imagem ou imagens apresentadas aos leitores têm importância significativa na construção dos discursos" (CORTE e GOMES, 2006, p.35-36).

Assim, a partir de certo olhar, o jornalismo é uma das instituições sociais contemporâneas. E a construção de uma série que aborda outra perspectiva tem potencial para a formação de opinião pública. Nem todos os fatos noticiados passam pelas ações do Estado, por exemplo. O lado comportamental depende unicamente das pessoas e a mudança de atitudes passa pela construção social do consenso em torno de algumas ideias. Sendo assim, é importante noticiar essas mudanças, para se ter um novo olhar e também para alertar a população quanto a suas transformações e ações. Elias e Scotson (2000) vão ainda mais longe: "Dê-se a um grupo uma reputação ruim e é possível que ele corresponda a essa expectativa" (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.30).

Assim, a série pode ser vista como um estímulo para que os idosos entrem cada vez mais nessa tendência comportamental positiva.

4 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho, primeiramente, é ter uma abordagem diferente do tema terceira idade. Como já foi mostrado na Introdução e no Problema de pesquisa deste trabalho, a grande mídia veicula, na maioria das vezes, reportagens falando das dificuldades de ser idoso. Falam da saúde (ou ausência dela), previdência social, preconceito, violência, enfim, tratam de assuntos com um olhar negativo, retratando apenas os problemas. As reportagens acabam ficando repetitivas e sem novidades, sem trazer coisas novas que estão acontecendo na frente de todos nós.

Quis fazer um trabalho que trouxesse novidades para o ouvinte, algo original e com uma abordagem diferente. Uma das coisas que mais me fascina no jornalismo é a possibilidade de tratar assuntos a partir de outro ângulo. Assim, procurei uma abordagem que até então não havia sido muito explorada. Por conta da falta dessas informações, tinha muitas dúvidas em relação ao assunto e, baseada nelas, construí o rumo das minhas reportagens.

O segundo objetivo é investigar mais a fundo o envelhecimento populacional no Brasil, levantando suas causas e contextualizando o fenômeno. No jornalismo, algo muito importante é situar o fato dentro da história. Pretendo, com a série **Qualidade de vida na terceira idade**, observar o passado do fenômeno, para melhor compreendê-lo, e vislumbrar o futuro disso - como a sociedade muda a partir de uma mudança etária na população? Acho este um questionamento do interesse de todos, uma vez que atinge toda a sociedade.

Por fim, quero mostrar que a velhice tem bons lados. A partir de um olhar positivo, mas sempre respaldado por especialistas e dados, quero desconstruir a ideia de que a terceira idade é uma fase triste, sem pretensões e sem movimento. Antes, a sociedade via a velhice desta forma, uma vez que poucos chegavam aos 60 anos, por conta das condições mais precárias de vida. Este estigma já está mudando há algum tempo, mas pouco se fala sobre isso.

Hoje, a perspectiva mudou, os idosos estão mais ativos, chegando aos 60 com disposição para fazerem o que querem. E, principalmente, chegam com uma mentalidade bem diferente dos idosos de antigamente. Saber quais as principais mudanças na mentalidade dos idosos e

entender porque isso acontece tornou-se foco do trabalho. E este é o terceiro objetivo: a partir dessas mudanças, traçar um perfil cada vez mais frequente e esperado deste grupo, desvendando o que esperar, em um futuro próximo, das atitudes da sociedade e dos idosos em relação à terceira idade. E, assim, acabar com estigmas negativos e que não cabem mais em uma sociedade moderna e que está em pleno envelhecimento populacional.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 DO JORNALISMO

O gênero que mais se aproxima da série **Qualidade de vida na terceira idade** é o Especial, onde dados, opiniões e emoções se encontram. Assim, o jornalista realiza três tipos diferentes de entrevistas para fazer o especial, segundo McLeish (2001). São eles:

a) Entrevista informativa: como o próprio nome diz, a finalidade deste tipo de entrevista é informar o ouvinte. Ela é feita para que mais dados sejam colhidos e a sequência é importante para tornar os detalhes mais claros.

b) Entrevista interpretativa: o entrevistador fornece os fatos e pede ao entrevistado que os comente. O objetivo, aqui, é expor o raciocínio do entrevistado. Assim, o ouvinte pode fazer um julgamento sobre o senso de valores ou as prioridades do entrevistado.

c) Entrevista emocional: serve para passar para o ouvinte a ideia do estado de espírito do entrevistado, para que o receptor compreenda melhor o que ocorre em termos humanos.

Neste trabalho, realizei os três tipos de entrevista. O primeiro tipo com fontes oficiais, com o objetivo de colher dados. Já a entrevista interpretativa foi muito realizada com especialistas, para que eles comentassem os dados, com o objetivo de contextualizá-los. Com os personagens, as entrevistas eram emocionais. A ideia era passar para o ouvinte como o entrevistado se sentia, ou seja, os termos humanos da reportagem.

Para humanizar uma reportagem, a entrevista deve ser baseada em um diálogo, em uma conversa onde escutar é o princípio fundamental para o repórter. Edgar Morin (1973) diz que, "em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Esse diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema".

Quando esse diálogo acontece, entrevistado e entrevistador saem alterados, de acordo com Cremilda Medina (1995). Isso humaniza a reportagem, de acordo com a autora.

"[...] a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos - entrevistado e entrevistador - saem 'alterados' do encontro, a técnica foi ultrapassada pela 'intimidade' entre o EU e o TU" (MEDINA, 1995, p.7).

Assim, cria-se o perfil humanizado, definido também pela autora e o que busquei durante a produção da série.

"Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para 'condenar' a pessoa [...] ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Essa é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida" (MEDINA, 1995, p.18)

Entender o histórico de vida dos personagens e compreender todas essas características citadas acima foi o que procurei fazer durante todo o processo de apuração da série **Qualidade de vida na terceira idade**. Os métodos utilizados durante toda a pré-apuração, apuração, redação e edição serão tratados no próximo tópico - Metodologia.

5.2 DO RÁDIO

Robert McLeish define o rádio da seguinte forma:

"Trata-se de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte tente visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz" (MCLEISH, 2001, p.15)

De acordo com o autor, o meio de comunicação não se limita, diferentemente da TV, por exemplo. Lá, as imagens ficam "do tamanho da tela". No rádio, elas ficam do tamanho que o ouvinte quiser. Com sons adequados, pode-se criar o ambiente perfeito para a reportagem.

"Diferentemente da televisão, em que o telespectador está observando algo que sai de uma caixa "que está ali", as paisagens e sons do rádio são criados dentro de nós, podendo ter impacto e envolvimento maiores" (MCLEISH, 2001, p.16).

O rádio, por possibilitar que o ouvinte imagine o que está sendo narrado, torna a experiência muito mais pessoal do que a televisão o faz. Além disso, o rádio é rápido. Não precisa esperar para gerar uma imagem, para um papel ser impresso ou outras coisas provenientes de meios de comunicação distintos. Segundo McLeish (2001), "esta capacidade de deslocamento geográfico é que gera seu próprio entusiasmo".

O meio de comunicação também é capaz de causar diversas emoções nos ouvintes. A partir de trilhas e efeitos sonoros, o jornalista pode brincar com a reportagem, criando diversas sensações.

"O rádio permite, também, que se ouça toda a emoção da voz humana, da gargalhada ao choro, da dor à compaixão. Esses sons podem transmitir sensações mais fortes do que a leitura de um texto sobre o mesmo acontecimento. Isso porque o *modo* de dizer é mais importante do que *o que* é dito" (CHANTLER e HARRIS, 1998, p. 21).

McLeish (2001) lembra que o texto, em rádio, deve ser coloquial. Existem duas opções: ou o ouvinte entende de primeira ou não entende. Então, o radialista deve escrever de uma forma simples, que todos compreendam. Outro ponto importante é provocar o interesse do ouvinte. O roteiro, portanto, deve ser escrito para chamar a atenção logo no começo.

"O rádio está sempre sujeito a ser desligado; você está falando com um público nem um pouco cativo e por isso a primeira sentença deve ser interessante. Não perca muito tempo "entrando" no assunto, comece com a ideia que prenda a atenção, que seja pertinente ou pelo menos incomum. E prossiga deixando claro qual é o tema - não

deixe o ouvinte na dúvida! 'A primeira sentença deve despertar interesse, a segunda deve informar.'" (MCLEISH, 2001, p.62-63).

Construí meus roteiros em torno dessas dicas. Alguns deles começaram com sonoras interessantes dos personagens; outros, com algum recurso que chamasse a atenção, como no caso da reportagem sobre atividade física. Comecei com uma pergunta: "Qual a idade máxima para se praticar corrida, natação, rapel ou um salto de paraquedas?". Isso chama a atenção do ouvinte e faz com ele continue ouvindo o que o jornalista tem a dizer. Depois de uma breve apresentação do tema, entrava nos dados. E isso se repetiu com todos os roteiros.

Para fechar cada reportagem, também segui alguns critérios presentes no livro *Produção de rádio: um guia abrangente da produção radiofônica*, de Robert McLeish (2001).

"Começamos com uma sentença interessante e em geral, numa conversa, é uma boa ideia terminar referindo-se ao mesmo pensamento do início. Isso reforça o argumento, podendo funcionar como um "ativador" para recordar o que você disse" (MCLEISH, 2001, p.65).

Ainda utilizando como exemplo a terceira reportagem, segui exatamente o que McLeish sugere. Abri a reportagem com a personagem Dona Geralda. O final também ficou por conta da aventureira senhora, que conta que um dia, enquanto fazia rapel, ofereceram um pedaço de madeira para que ela segurasse. Ela, sempre irreverente, mandou sumirem com a "bengala". Com esse final, eu quis lembrar o começo e, ao mesmo tempo, fechar a reportagem com uma sonora interessante.

Além de tentar escrever da maneira mais coloquial possível, porém sem perder o rigor jornalístico, levei em consideração cada ouvinte. A intenção era tratá-lo como se fosse a única pessoa com a qual eu falava. Ao escrever todas as chamadas, usava somente "você", para criar uma identificação com o leitor, como se eu falasse somente com ele.

“O rádio é um dos 'meios de comunicação de massa' cujo alcance abrange milhares, milhões de pessoas. A mensagem, no entanto, chega à mente do ouvinte como

indivíduo. [...] é uma comunicação entre você, radialista, e o ouvinte, com seu próprios pensamentos. Escreva portanto para o indivíduo - ele sentirá que você está falando apenas com ele e assim suas palavras terão muito mais impacto." (MCLEISH, 2001, p.62)

Sendo o rádio um meio de comunicação que atinge milhões de pessoas, mas ao mesmo tempo cria um diálogo pessoal com o ouvinte, acredito que não poderia ter escolhido um meio de comunicação melhor. Ao narrar histórias de personagens interessantes, acredito ter feito o ouvinte usar a imaginação. Brincar com palavras, descrições e informações foi uma experiência fascinante que o rádio me possibilitou.

5.3 DO CONTEÚDO

Para a série **Qualidade de vida na terceira idade**, foi necessário traçar um panorama histórico do que a velhice representava para a sociedade há algumas décadas e o que ela representa hoje. Isso foi essencial para entender melhor as mudanças comportamentais dos idosos.

Há cerca de 50 anos, a visão sobre a velhice era muito negativa. A primeira razão é simples: na época, a expectativa de vida mal chegava aos 60 anos. Ou seja, não havia terceira idade. As pessoas morriam antes mesmo de chegarem lá. Como os recursos e a tecnologia, na época, eram escassos, não havia o tanto de possibilidades que há hoje, principalmente na medicina. Assim, temos a segunda razão da imagem ruim dos idosos: quando chegavam aos 60 anos, geralmente as pessoas não tinham uma boa saúde, até porque as condições de vida naquele tempo eram piores.

Como era raro chegar nesta idade e, quando se chegava, a pessoa geralmente estava doente ou então sem boas condições de saúde ou vitalidade, pouco se esperava dos velhos. Esperava-se apenas que eles morreriam em pouco tempo. Ou seja, não importava muito quanto tempo viveriam, já que todos acreditavam que a morte logo chegaria, inclusive o próprio idoso. Com

isso, chegar aos 60 anos significava um marco onde não havia mais o que fazer além de esperar a morte. A ideia de velhice, então, foi estigmatizada.

"[...] o idoso era considerado alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo. [...] Neste contexto, o sujeito era lançado inapelavelmente para o confronto com a morte em estado bruto, pois não se delineava mais para ele qualquer possibilidade de horizonte de futuro" (BIRMAN, 1995, p. 39).

Assim, nesta fase da vida, não havia sonhos e planos. A fase era vista como vazia, o que já significava uma morte da pessoa. Por isso era - e ainda é, porém em uma proporção bem menor - recorrente a melancolia e nostalgia em relação a fases anteriores, onde se tinha uma possibilidade real de vida. Sem perspectiva, os idosos acabavam entrando em depressão e ficando cada vez mais doentes. Assim, a ideia inicial de que velhice era quase um sinônimo de morte acabava sendo falsamente confirmada. Outro problema é que as pessoas absorvem aquilo que representam para a sociedade. Assim, os prejuízos emocionais para os idosos eram grandes.

"Os estereótipos sociais incorporados ao cotidiano da velhice podem passar a definir quadros clínicos psicopatológicos, já que a existência desses estereótipos facilmente se transforma em barreiras sociais e psicológicas, que acabam por dificultar a comunicação e a vivência da reciprocidade com o segmento etário idosos. [...] Assim, os significados culturais acabam induzindo a uma representação social e a uma imagem que reduz os idosos a uma situação de fragilidade e, conseqüentemente, de dependência". (NERI, 2007, p.86)

Outra explicação para a desvalorização dos idosos está um pouco mais atrás. Há cerca de 200 anos, o critério social para se "definir" alguém era a produtividade de riquezas. Quando envelheciam e não produziam mais, os idosos eram vistos de uma forma negativa, como se a produção deles fosse tudo o que representavam. A visão, porém, começa a mudar na história, como ressalta Birman em *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*.

"[...] sobre a velhice foram investidos *valores negativos*, considerando-se apenas como critério social o seu potencial funcional de produção e reprodução de riqueza. Entretanto, nos últimos duzentos anos se transformou muito o que representamos como sendo a velhice e a juventude. Não interpretamos mais, na atualidade, o que é ser jovem e ser velho segundo os critérios do século XIX e mesmo do início do século XX. Certamente, a leitura que temos desses momentos da existência humana não é a mesma hoje se compararmos com a de cem anos atrás. Esta transformação se deve não apenas ao desenvolvimento e a avanços tecnológicos da medicina e da biologia, o que seria uma interpretação positivista e ingênua do processo em pauta, mas também porque se transformaram os valores que passaram a delinear os lugares sociais da juventude, da maturidade e da velhice" (BIRMAN, 1995, p.33-34)

Com os novos parâmetros de representação social dos idosos, a visão negativa, aos poucos, foi mudando. Primeiramente em países desenvolvidos, como os da Europa, já que os europeus estão no processo de envelhecimento populacional há muito tempo. No Brasil, o fenômeno acontece há alguns anos, mas as visões da sociedade já começaram a mudar. E podemos esperar mais mudanças nos próximos anos e até mesmo décadas.

"[...] um movimento novo se delineia no horizonte social. Este processo de transformação é relativamente recente no Brasil, se realizando há poucos anos, mas que já se iniciou há cerca de duas décadas nos países do primeiro mundo. Parece que começou a se realizar no Brasil de maneira lenta um processo que indica uma reviravolta importante na relação da nossa cultura com a velhice. Além disso, este processo social vai se incrementar nas próximas décadas, adquirindo com isso maior *visibilidade social*. Assim, a velhice passa a receber um olhar e um início de reconhecimento social que não existe na memória social da modernidade" (BIRMAN, 1995, p. 35-36).

Há poucas décadas, a população brasileira, em sua maioria rural, foi migrando para as cidades. Além disso, novas tecnologias foram surgindo, possibilitando às pessoas mais saúde, em qualquer fase da vida. Tudo isso torna a expectativa de vida cada vez maior, como já foi explicado na Introdução deste trabalho. Recentemente, com as melhores condições de vida no Brasil, a população idosa teve mais um motivo para ser vista sob um ângulo mais otimista.

"O alongamento da vida associado a melhores condições de saúde bem como a ampliação da cobertura da Previdência Social em quase todo o mundo tem levado a uma mudança de percepção do que vem ser a última etapa da vida. A visão de que esta representa um processo de perdas está sendo substituída pela consideração de que a última fase da vida é um momento propício para novas conquistas e busca de satisfação pessoal. É a idade do "preenchimento", de acordo com Laslett (1996)". (CAMARANO, 2004, p.8)

Camarano (2005) destaca ainda que "os idosos brasileiros estão vivendo mais e em melhores condições de vida, ao contrário do catastrófico mito da velhice como doença". São três os fatores que possibilitam essa melhora: ampliação da cobertura previdenciária, maior acesso a serviços de saúde e tecnologias médicas e redução da pobreza e das taxas de analfabetismo entre idosos, com o aumento da escolaridade média e políticas sociais, segundo a autora.

Assim, muda a perspectiva da velhice. Ela se torna não uma fase parada, onde apenas se espera a morte. Hoje, com a expectativa de vida chegando a mais de 70 anos, os que têm 60 ainda podem aproveitar muito a vida. Sendo assim, começa a existir um planejamento, saindo daquele estigma de que não havia nada para fazer na velhice a não ser esperar a morte, o que gerava vários conflitos emocionais, obviamente. Agora, esses conflitos começam a dar lugar a planos e realizações. Hoje, a maioria dos idosos tem vontades e luta por elas.

"A nova geração de idosos não é mais como os idosos de alguns anos atrás, e provavelmente não será como os idosos do futuro. Ela vem se transformando, a cada dia, mudando seus costumes, gostos, interesses, hábitos, estilos de vida, atitudes de compra, desejos e expectativas. [...] em sua maioria, uma geração com razoável poder aquisitivo, poder de decisão de compra cada vez maior, disponibilidade de tempo, preocupada com qualidade de vida, saúde, bem-estar, enfim, em aproveitar melhor o seu tempo" (SIEVERT e VIEIRA, 2007, p.2).

Todas essas mudanças comportamentais dos idosos acabam transformando também a visão que a sociedade tinha deles. O estigma de velhice como espera da morte, falta de produtividade e doenças dá lugar a outra perspectiva, bem diferente.

"Os comportamentos de consumo da nova geração de idosos está se transformando diariamente. O antigo estereótipo de que idosos saem de casa para ir à igreja e vivem tricotando não se encaixa mais aos idosos atuais. A nova geração de idosos está mais atualizada, buscando e exigindo novos serviços e produtos, viajando para diversos lugares, passeando e comprando muito" (BARCELLOS, 2005).

Assim, os idosos ganham um novo *status*, que ainda está em construção. Grupo com grande potencial consumidor, ele vem ganhando importância na sociedade. As mudanças comportamentais quebram, aos poucos, os estigmas do passado, clareando as ideias de que velhice é sinônimo de problemas. Com esta nova "roupagem", idosos vivem mais e melhor, criando-se até uma nova fase: a quarta idade.

"O gosto pelo presente parece, desse modo, ganhar relevo entre os que não possuem mais um extenso futuro pela frente. Afinal, a intensidade da vida pode ser tão ou mais importante do que sua extensão futura. Assim, os idosos ganharam a atenção de comerciantes que apostaram nesse grupo ansioso por viajar, passear, praticar esportes, dançar e etc. A categoria "seniors" e a invenção de uma quarta idade, posterior aos 80 anos, fornecem a impressão de que o território da velhice ganhou em complexidade, diversidade e, sobretudo, em incertezas até então desconhecidas". (SANT'ANNA, 2006, p.107)

6 METODOLOGIA

Durante todo o processo da construção das reportagens, me baseei em livros que muito me ajudaram do começo ao fim deste trabalho. Foram explicações e dicas que me auxiliaram na escolha dos personagens, na ordem das entrevistas, nas próprias entrevistas, na escolha do que colocar nos roteiros e no texto. Cito aqui as teorias nas quais pautei o meu trabalho, para depois explicar como elas mudaram o rumo da apuração, entrevistas e construção dos roteiros.

6.1 SOBRE A APURAÇÃO

"A apuração de informações, a investigação, é a pedra de toque da imprensa, seu álibi, a condição que faz um relato impresso ser jornalismo, não literatura. É a espinha dorsal do trabalho jornalístico. Mas entre a descoberta de um rumor e a publicação de uma notícia, zonas de sombra se instalam, sinais amarelos se acendem. A tradição tem relativamente pouco a que se apegar diante da diversidade de situações de apuração, do voluntarismo de procedimentos e da falta de consenso entre profissionais para estabelecer estratégias perenes de verificação" (PEREIRA JR, 2010, p.73-74).

Em *Apuração da Notícia*, Luiz Costa Pereira Júnior destaca a importância de uma boa apuração na hora de se dar uma notícia. A checagem incansável de informações é a base que vai sedimentar todo o trabalho do jornalista e sua reportagem. O autor ressalta, porém, a falta de consenso profissional quanto a critérios de checagem de informação.

"Os métodos são em geral informais e localizados, nem sempre generalizáveis e aprendidos por osmose, na base da tentativa e do erro, raramente transmitidos por editores ou faculdades. Não há regras-padrão universalizáveis ou método de observação consensual" (PEREIRA JR, 2010, P.74).

O jornalista ainda se depara com certas dificuldades diárias, como o fato de nem sempre as evidências surgirem junto com provas físicas. Além disso, a aplicação de procedimentos rígidos nem sempre garantem a confiabilidade do processo, press releases nem sempre são confiáveis, nem todas as realidades são verificáveis e nem todas as fontes vão falar a verdade todo o tempo. A apuração, no jornalismo, tende a ser menosprezada pela imprensa diária nas redações, cada vez mais enxutas, e pelos manuais que enfatizam o estilo, e não a própria apuração. Para agravar a situação, o jornalista ainda lida com a tentação da internet, que oferece uma gama de informações fáceis e nem sempre confirmadas, além de estarem sujeitos a informações mastigadas das assessorias de imprensa. Por tudo isso, é necessário que o jornalista, para fazer um bom trabalho, crie uma disciplina de verificação.

Para fazer uma boa apuração

"A disciplina de verificação tem, por princípio, o desafio de criar antídotos à incerteza de base que caracteriza o jornalismo. Para isso, a apuração das informações para uma reportagem implica uma determinada sequência de procedimentos, não raro coincidentes em autores e jornalistas distintos" (PEREIRA JR, 2010, p.76).

Em 1991, o colombiano Daniel Samper (1991), do Centro Técnico da Sociedade Interamericana de Imprensa, elaborou algumas etapas para a investigação jornalística, a saber:

a) Elaboração da pauta: constituída da pista inicial + sondagem inicial + preparação da pauta

Esta etapa ajuda a viabilizar a pauta, ou seja, a partir de uma pré-apuração, tem-se a base para sustentar uma investigação. Após pensar em uma pauta a partir de uma pista, a sondagem inicial começa. A partir da sondagem, Samper indica criar um Plano de ação, onde se encontra: a relação de informações já obtidas, relação de informações que faltam e lista de fontes (onde localizar a informação que falta, quais as fontes mais importantes e consistentes). Este plano, mais tarde, colabora no sentido de organizar a pauta e o objetivo da reportagem. Importante lembrar que a pauta já define o rumo do trabalho a partir da pré-apuração.

Neste trabalho, a pista inicial foi baseada na percepção de que os idosos de hoje participam mais em vários aspectos: cursos, academia de ginástica, grupos, etc. Essa simples observação cotidiana, mais tarde, foi confirmada na sondagem inicial. Leitura de livros sobre o assunto, artigos, documentos e entrevistas preliminares com especialistas e idosos confirmaram a pista inicial e deram um rumo à pauta: mostrar as mudanças no comportamento dos idosos ao longo das últimas décadas. A partir desta coleta inicial de dados, foi possível perceber que a pauta renderia uma série de reportagens.

Seguimos para a segunda etapa, de acordo com Samper (2001).

b) Pré-produção: análise das fontes + checagem

A análise das fontes é de suma importância para a reportagem, uma vez que elas vão fornecer informações e dar o toque essencial das boas sonoras. Por isso, a escolha é crucial. Nelson Traquina (2001), em *O Estudo do jornalismo no século XX*, cita alguns critérios para a escolha das fontes. O primeiro é em função da hierarquia da autoridade, uma vez que a respeitabilidade da origem da informação é muito relevante para os jornalistas, que em geral dão preferência a fontes oficiais (proveniente do governo). Espera-se que essas fontes sejam mais honestas, uma vez que uma mentira lhes cairia muito mal. Quanto mais prestígio tem a pessoa, maior a confiança que ela passa.

O segundo critério de Traquina (2001) é a produtividade, definida como qualidade e quantidade de informações de uma fonte pode dar. Fontes institucionais, geralmente, podem fornecer material suficiente para que o repórter feche uma matéria. Assim, é importante considerar a produtividade, uma vez que jornalistas trabalham sempre com um *deadline* apertado e a economia de tempo é um fator relevante para o seu trabalho.

O último critério, mas não menos importante, é a credibilidade. A fonte deve ser confiável a ponto de exigir o mínimo possível de controle. Entrevistados que sempre dão entrevistas embasadas e confiáveis tendem a se tornar fontes cada vez mais usadas, tornando-se sempre uma das primeiras opções do jornalista.

Luiz Costa Pereira Júnior, porém, cita que é preciso ter cuidado para não criar uma dependência nos canais de rotina baseada no privilégio das fontes por tais critérios.

"É preciso muito cuidado para não cair no círculo vicioso da hierarquia rígida entre as fontes de informação, dar trela a oficialismos ou *lobbies* e fazer do veículo de informação uma tribuna para o jornalismo declaratório, aquele que se satisfaz com declarações de celebridades, políticos e empresários, pouco importa se sustentadas em fatos. Por isso, analisar as fontes implicadas na notícia e as fontes secundárias (as que não têm nada que lhes uma diretamente ao fato investigado, mas podem ter informações preciosas sobre os fatos a serem relatados) ajuda a estruturar uma estratégia geral de abordagem do tema" (PEREIRA JR, 2010, p. 82-83).

Para o autor, devemos fazer um balanço das fontes escolhidas guiado pela seguinte análise de três fatores: as relações, o valor, a situação, os riscos e a credibilidade das fontes; os conceitos complementares, a informação que supomos que sabem e a relação que supomos que a fonte tem com o fato; até que ponto não estamos sendo usados por fontes legitimadas por sua autoridade, produtividade e credibilidade anterior, e não fazemos uma avaliação isenta sobre o real valor que as informações têm para o público.

Por fim, ainda na pré-produção, é importante definir a ordem das entrevistas. Em *Periodismo de Investigación: técnicas e estrategias*, Pepe Rodríguez (1994) sugere alguns critérios para que se escolha essa ordem. O primeiro passo é sondar primeiro as fontes secundárias, documentais e técnicas, que vão fornecer a munição para o jornalista confrontar as fontes principais mais tarde. O autor diz ainda que é útil começar do entrevistado de menor importância informativa para o de maior importância informativa. Baseado em uma ordem crítica, é melhor começar pelas fontes desfavoráveis, para depois entrevistar as fontes neutras e técnicas e, por fim, as fontes favoráveis (que têm atitude positiva a respeito do fato investigado).

Cabe ressaltar, aqui, que a escolha das fontes para este trabalho foi baseada em vários desses passos. Seguindo Traquina, escolhi as fontes mais especializadas em idosos, com o intuito de entrevistar os profissionais *experts* no assunto, o que, por sua vez, acaba caindo na

produtividade. Uma vez que a pessoa tem credibilidade e é especialista no assunto, ela pode dar várias informações sobre áreas diferentes do mesmo tema, no caso, terceira idade.

Outro critério utilizado para selecionar fontes foi classe social. As tendências otimistas são, hoje, mais frequentes nas classes média e média alta. O fenômeno, porém, se alastra para as classes mais baixas, uma vez que a desigualdade, mesmo que ainda grande, tem diminuído no Brasil, aumentando o número de pessoas na classe C e favorecendo hábitos de vida mais dignos. Além disso, pessoas mais pobres tendem a imitar costumes dos mais ricos, fazendo com que haja uma congruência entre os comportamentos. Por isso, escolhi personagens de várias classes diferentes, mostrando que encontramos personagens que ilustram as tendências demonstradas, independente da classe social.

Os fatores destacados por Luiz Costa Pereira Júnior contribuíram bastante também. Ao pegar os critérios como riscos, situação, conceitos complementares, relação da fonte com o fato e valor pude selecionar os entrevistados que mais ajudariam no trabalho em termos de fornecer informações boas e precisas, além de informações complementares que poderiam dar um toque especial à série.

Com base em Pepe Rodríguez, fiz primeiramente entrevistas com as fontes secundárias e que nem entraram nos roteiros. Elas serviram de base para a documentação de informações e também para as entrevistas que foram realizadas em seguida. Já com bastante informação, pude fazer entrevistas mais aprofundadas e com maior riqueza de detalhes, que são fundamentais para a elaboração dos roteiros.

Acabando esta etapa da investigação jornalística, voltamos aos passos propostos por Daniel Samper.

c) Produção: confrontação de informações + checagem

No contato com as fontes, o jornalista tem a chance de confrontar as informações e detectar erros de avaliação da pauta. A chance é que, aqui, eles podem ser corrigidos, uma vez que cada apuração abre um vazio a ser preenchido com mais investigação. "É preciso ter um

panorama geral do que se tem para saber o que é preciso levantar para ir em frente" (PEREIRA JR, 2010, p. 86).

No processo de checagem, é importante que o jornalista não se contente com apenas um aspecto da história, tornando-se necessário confirmar a informação com outras fontes - no mínimo duas, de acordo com Luiz da Costa Pereira Júnior. A qualidade da apuração está associada a dois fatores: volume de informação e confiança na checagem. Quanto maior for o índice desses dois fatores, maior a qualidade da apuração. Assim, temos as seguintes situações e soluções:

Quando se tem uma informação precisa, mas insuficiente, é necessário que se apure mais. Quando se tem um volume de informação satisfatório, porém impreciso, é necessário fazer uma checagem mais rigorosa. Com pouca informação e, para piorar, imprecisa, o jornalista deve refazer tudo. Com informações suficientes e precisas, a reportagem está pronta para ser publicada.

Após todos esses passos da apuração, a checagem das informações, segundo Luiz Costa Pereira Júnior, pode ser feita em três momentos: no planejamento da apuração, que acabou de ser descrito, na revisão do material apurado e na revisão das informações editadas.

"Diferentes círculos profissionais determinam procedimentos de checagem de informações apuradas pelos jornalistas, só para essa fase em que o trabalho aparentemente já foi concluído pelo repórter. Algumas são aplicáveis para a revisão de última hora, feita pelo editor ou pelo próprio repórter, naquela derradeira olhada antes da clicada final, rumo à composição gráfica" (PEREIRA JR, 2010, p.88).

Existe uma lista de checagem feita pela Associação Norte-americana de Editores de Jornais e traduzida para o português pela Associação Nacional dos Jornais - ANJ. (Disponível no site do Instituto Gutenberg - Centro de Estudos da Imprensa, em <http://igutenberg.net/>)
Segue a lista:

() Chequei ao menos duas vezes todos os nomes, títulos mencionados e informações citadas nesta matéria?

() Se há números de fones ou endereços eletrônicos, foram testados e rechechados?

() Todas as citações são precisas e estão exatas e atribuídas corretamente? Eu entendi plenamente o que a fonte quis dizer?

() As informações de pesquisa estão completas?

() As informações do lide estão suficientemente respaldadas?

() A matéria é justa? Todos os indivíduos foram identificados, contatados e tiveram oportunidade de falar? Alguém vai ficar aborrecido ou zangado com esta matéria? Por quê? Para nós esta reação estará bem? Nós apuramos informações paralelas? Nós tomamos partido ou fizemos juízo de valor a respeito de resultado que pretendemos? Alguém gostará mais da matéria do que deveria?

() O que está faltando?

Tendo essa lista de checagem em mãos, basta pegar item por item e ter a certeza de que a matéria está conforme regras rígidas de apuração e ética jornalística. Terminados os roteiros deste trabalho, todas as perguntas acima foram respondidas mais de uma vez. Para não ficar influenciada depois de muito trabalhar nos textos, esperava dois dias para reler os roteiros e avaliar novamente a qualidade e veracidade das informações de acordo com as perguntas da Associação Norte-americana de Jornais.

Existem outros métodos de checagem, como "o lápis colorido de Tom French". French, prêmio Pulitzer de 1998, tirava uma cópia de suas matérias já prontas e, com um lápis, marcava cada informação que foi rechechada. Após analisar linha por linha, ele tirava do texto

as informações que não haviam sido recheçadas. Utilizei esta técnica também, porém não literalmente, pois chequei novamente as informações que não tinha sido recheçadas ao invés de simplesmente tirá-las do roteiro.

Outra técnica para verificar a apuração pode ser feita no último momento, a revisão das informações editadas. Na seguinte técnica, descrita por Kovach e Rosentiel (2003) como "edição cética" e atribuída a Sandra Rowe e Peter Bhatia, editores do *Oregonian*, a verificação é feita com o mesmo rigor de um interrogatório no tribunal. Com esta edição cética, pretende-se acabar com riscos de erros inconscientes cometidos mesmo por pessoas de boa-fé, mas que acabam passando informações incorretas sem querer. Analisa-se declaração por declaração, para se questionar o seguinte:

() Como sabemos isso?

() Por que deveria o leitor acreditar nisso?

() o que significa a suposição por trás de uma sentença?

() Se uma matéria diz que certo fato pode levantar dúvidas na cabeça das pessoas, quem insinuou isso? O repórter? Uma fonte? Um cidadão?

Passado todo o processo de pré-apuração, escolha de fontes, checagem, recheçagem e etc, passemos para a metodologia empregada nas próprias entrevistas.

6.2 SOBRE AS ENTREVISTAS

O conceito de entrevista, como destaca Stela Guedes Caputo (2006) em *Sobre entrevistas: Teoria, Prática e Experiência*, é difícil de ser definido. Alguns autores, porém, tentaram fazê-lo de forma satisfatória, como Cremilda Medina.

“A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano” (MEDINA, 2002, p. 8).

Medina destaca ainda que a verdadeira comunicação entre pessoas só acontece se a entrevista possibilitar um diálogo entre entrevistado e entrevistador. Quando isso acontece, os dois saem alterados da entrevista, já que expandiram seus pontos de vista ao ouvirem e serem ouvidos. Caso esse diálogo autêntico não aconteça, a entrevista será apenas "uma técnica eficiente para obter respostas pré-pautadas por um questionário" (Caputo, 2006, p. 30)

Nilson Lage também conceitua a entrevista. O autor, porém, o faz de uma forma mais sucinta.

"A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos" (LAGE, 2002, p.73).

6.2.1 Entrevista Perfil

Neste trabalho, várias entrevistas do tipo perfil foram feitas. Nelas, o importante é a história de cada personagem, assim como seus hábitos, pensamentos, mentalidade, comportamento. Por ser uma série comportamental, os personagens eram o foco, ilustrando o que especialistas dizem acontecer na sociedade. Daí a importância em se fazer uma entrevista perfil e chamar atenção para cada detalhe importante daquele personagem.

Alguns cuidados devem ser tomados ao fazer este tipo específico de entrevista, como alerta Stela Caputo. O passo básico é entrevistar a pessoa pessoalmente. Entrevistas feitas por telefone ou, pior ainda, por e-mail, impedem que o entrevistador conheça a pessoa mais a fundo. Sem vê-la, o entrevistador não consegue identificar características muitas vezes

fundamentais para a reportagem. São gestos, inseguranças, enfim, traços importantes que muitas vezes trazem algo especial para a reportagem. Thaís Oyama alerta para este importante cuidado em *A arte de entrevistar bem*.

"E-mails retiram a espontaneidade da fala, deixam o entrevistado preguiçoso (é muito mais fácil falar do que escrever) e podem induzir a erro – não se tem nem mesmo a garantia de que se está falando com quem se deseja falar. Mas o pior de tudo é que eles anulam uma das principais prerrogativas do repórter, que é a de contestar uma resposta mediante outra pergunta". (OYAMA, 2008, p.17)

Outra dica importante é marcar com o entrevistado na casa dele. Lá, o entrevistador tem pistas da personalidade da pessoa e pode inclusive aproveitar para falar com parentes e pessoas próximas ao entrevistado. Além disso, os entrevistados tendem a se sentir mais à vontade em casa, falando com mais naturalidade o que pensa. O entrevistador deve aproveitar este momento mais tranquilo para fazer todas as perguntas que quiser e conseguir as respostas mais sinceras.

"O território do entrevistado é sempre preferível. Deixa a fonte mais confiante e mais à vontade. Depois, se a entrevista for do tipo perfil – ou seja, se for girar mais em torno da figura do entrevistado do que das informações que ele possa dar –, o repórter, estando em sua casa, tem a oportunidade de observar livros, fotos, objetos de arte e outros itens reveladores da personalidade do personagem. Essas informações servirão para conhecer melhor o entrevistado, inspirar perguntas e ajudar a compor o texto de apresentação da entrevista" (OYAMA, 2008, p.10).

Muniz Sodré conceitua a entrevista do tipo perfil e explica dois possíveis comportamentos ao fazê-las.

"Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa— seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência" (SODRÉ, 1986, p. 126).

No caso deste trabalho, todas as entrevistas foram feitas pessoalmente. Em relação aos tipos citados por Sodré, realizei-as das duas formas. Por exemplo, fiz as entrevistas com os personagens do forró na casa deles, uma vez que fazê-las nos clubes de dança seria muito barulhento e prejudicaria a qualidade das sonoras. No entanto, os acompanhei também durante os bailes, para captar mais informações sobre a vida que eles levam. Pude, assim, acompanhá-los nas atividades e também compartilhar seus objetos e peculiaridades em suas casas, vivenciando suas rotinas em casa e também fora dela.

A partir das leituras acima, pude executar meu plano de entrevistas de uma forma muito mais completa. Antes, não havia pensado em acompanhá-los em locais diferentes, o que acabou ajudando muito na construção do texto. Com mais detalhes, foi fácil achar pontos interessantes da vida dos personagens e passar isso com mais clareza para os ouvintes da série.

6.2.2 Linguagem usada nas entrevistas

A linguagem utilizada para se entrevistar um político não pode ser a mesma com que se fala com um personagem humilde. Em geral, a tendência do jornalista é ser mais formal quando está fazendo uma entrevista, mas isso deve ser medido de acordo com o bom-senso. Para haver uma comunicação, é preciso haver um diálogo entre as duas partes. E isso só é possível caso o entrevistado entenda exatamente o que o entrevistador quer saber dele.

Ken Metzler, autor de *Creative Interviewing: the writer's guide to gathering information by asking questions*, diz que, independente do grau de formalidade, é importante manter o tom de conversa.

“Por mais formalidade que a ocasião exija, é preciso lembrar que uma entrevista é, antes de tudo, uma conversa entre humanos - não uma tarefa mecânica que se resume a "um-pergunta-o-outro-responde".” (METZLER, 1996, p.25).

Tendo isso em vista, usei diferentes linguagens que variavam de acordo com o entrevistado. É importante falar sempre no mesmo nível deles, para haver uma comunicação de fato e para que o entrevistado não fique se sentindo inferior ou então superior, o que atrapalha o diálogo. Com especialistas, a entrevista se dá de forma mais técnica. Com a maioria dos personagens, a entrevista acontecia em um tom de conversa. O foco, com eles, era falar sobre a rotina, os hábitos, enfim, sobre a vida. E, para isso, uma conversa mais informal rende mais, deixando o entrevistado livre para dar todos os detalhes.

Uma dica importante de Thaís Oyama é "quebrar o gelo" antes da entrevista. Vale uma conversa sobre um assunto leve e diferente do da entrevista, por exemplo, para criar um ar de descontração e relaxar o entrevistado. Além disso, ele passa a confiar mais no entrevistador, e as respostas saem naturalmente. "Uma entrevista tem de ser uma conversa. E uma conversa, para começar, exige um mínimo de cordialidade, simpatia e palavras jogadas fora". (OYAMA, 2008, p.24).

A bibliografia que li sobre a linguagem das entrevistas me ajudou bastante na hora de fazer as entrevistas. Por lidar com pessoas de classes e escolaridade muito diferentes, a linguagem variava muito de uma entrevista para outra. Muitas vezes o entrevistador se perde no meio de tanta diferença e acaba não explorando o entrevistado ao máximo. Ao tomar os cuidados propostos nos livros que li, consegui formular melhor as perguntas, de uma forma que seria bem compreendida e que o entrevistado se sentisse à vontade, no mesmo nível que o meu. Isso foi essencial para estabelecer um bom diálogo e ter as respostas mais sinceras e descontraídas.

6.2.3 Técnicas de entrevista

A entrevista, como já dito anteriormente, deve ser uma conversa. Não pode ser algo automático. Em *Sobre Entrevistas: Teoria, Prática e Experiências*, Stela Caputo (2006) dá uma série de dicas para fazer uma boa entrevista. Usei o livro como um manual para fazer as minhas entrevistas, sem perder, claro, o princípio de que não se deve perder a naturalidade e o tom de conversa, principalmente ao fazer entrevistas com personagens. As dicas, porém, foram bastante úteis. Selecionei algumas mais utilizadas para explicar aqui.

O primeiro e mais importante passo para uma entrevista, em minha opinião, é estar informado sobre o entrevistado e sobre o assunto. Assim, o entrevistador está munido de informações para poder fazer uma entrevista mais aprofundada, além de conseguir confrontar o entrevistado com dados, caso seja necessário. Assim, a entrevista não cai na superficialidade. Um erro grave de vários jornalistas é a arrogância. Pensa que sabe tudo e que não precisa pesquisar nada para fazer uma entrevista, mas acaba perdendo a qualidade que poderia obter caso tivesse lido mais sobre o tema. Tendo isso em mente, comecei lendo artigos, livros e documentos antes de começar a fase de entrevistas. Assim, me senti mais segura para entrevistar baseada em dados, o que trouxe qualidade para as entrevistas.

Uma dica importante é fazer um roteiro de perguntas ou de tópicos a serem abordados durante a entrevista. Assim, o entrevistador não esquece algum ponto importante e que depois, na hora da redação, fica sem a informação ou então tem que refazer a entrevista. É importante lembrar, porém, que o entrevistador não deve ficar preso ao roteiro, mesmo porque boas entrevistas surgem de perguntas baseadas em respostas do entrevistado. O roteiro não deve, em hipótese nenhuma, ser uma camisa de força.

"Muitos jornalistas se prendem às perguntas que preparam e não ouvem a resposta do entrevistado porque estão ansiosos por fazer outra pergunta [...] Quando age assim, o jornalista aplica um questionário, mas entrevista não faz" (CAPUTO, 2006, p.47).

Ainda seguindo nesta linha, uma característica essencial para todo entrevistador é saber ouvir. O jornalista deve fazer a pergunta esperando a resposta mais honesta que o entrevistado pode dar, não pode esperar que o entrevistado simplesmente confirme o que se espera. Na verdade, falta saber ouvir para se fazer uma boa entrevista. Um tópico no qual o jornalista não havia pensado pode surgir justamente na resposta do entrevistador. Por isso, o jornalista tem que estar sempre atento às respostas, para que novas perguntas surjam e a entrevista fique mais completa. O objetivo deve ser sempre explorar ao máximo a fonte, o que não acontece caso o entrevistador não saiba ouvir.

Em especial neste trabalho, saber ouvir foi extremamente importante. Com várias entrevistas do tipo perfil, a exploração dos personagens teve que ser profunda. Havia a necessidade de mergulhar na vida da pessoa - nas atividades, casa, família, amigos, enfim, quanto mais informações relativas à vida da pessoa, melhor. Assim, os deixava livres para falar o que quisessem. Tudo o que eles consideravam importante para eles era fundamental para mim, já que iria retratar a vida deles. Por isso, saber ouvir, eu diria, foi o ponto principal para a construção desta série.

Além disso, construí um roteiro para cada entrevista. Algumas vezes com perguntas prontas, outras com tópicos a serem abordados. Em geral, quando entrevistava especialistas já chegava com as perguntas prontas. Como a entrevista é mais técnica, já sabia o que queria saber. Por outro lado, dava toda a liberdade para que o especialista falasse coisas que ele considerava importantes e que tivessem relação com o tema. Sempre havia espaço para novas discussões além do que eu gostaria de perguntar. Durante as entrevistas, novas dúvidas surgiam e eu esquecia o roteiro de perguntas, para retomá-lo mais tarde.

Com os personagens, traçava tópicos. Como a entrevista é mais complexa, pouco ajudaria partir com as perguntas já prontas. Em minha opinião, baseada na bibliografia e em alguma experiência que já tinha, um assunto rende mais quando se traz um tópico e ele é esgotado durante a entrevista do que quando se parte com perguntas já prontas - o que muitas vezes traz a sensação de que tudo já foi perguntado e não se abre mais espaço para conversas. Algumas perguntas básicas, porém, eram anotadas no início do roteiro. Essas eu não poderia esquecer de forma alguma. Logo depois, vinham os tópicos, os quais rendiam boas conversas e boas sonoridades.

Seguindo com as dicas, o cuidado em relação ao material usado é essencial. Testar o gravador antes da entrevista, estar sempre munido de pilhas extras, olhar para ver se o que o entrevistado fala realmente está sendo gravado e o cuidado com o barulho ambiente são dicas importantes para quem vai fazer uma matéria radiofônica. O som, nela, será tudo. E todo o cuidado é pouco. Usei, durante todo o período de entrevistas, dois gravadores. Caso um desse problema, o outro estaria lá para ajudar.

Tive, porém, alguns problemas técnicos com as sonoras, percebidos somente na hora da edição. Algumas consegui regravar, outras não. Como as entrevistas eram sempre feitas na casa dos personagens, às vezes o barulho e a movimentação das pessoas atrapalhava, por mais que eu tomasse o cuidado de pedir um lugar mais silencioso dentro da casa. O posicionamento do gravador, outro fator importante, também não foi o ideal. Muitas vezes o deixava na mesa, em frente ao entrevistado, captando todo o som ambiente e sem direcionamento.

Outro ponto importante é partir do princípio que não se sabe de nada, mesmo quando toda uma pesquisa já foi feita. Neste caso, havia lido muito sobre terceira idade e qualidade de vida. Sabia mais do que um ouvinte leigo, por exemplo. Mas não podia, nas entrevistas, partir do pressuposto que os ouvintes da série saberiam tudo o que eu havia aprendido nos últimos meses com a pesquisa. Para respostas simples e que todos entendam, tive muitas vezes que fazer perguntas que já sabia a resposta. Até porque nunca é demais confrontar informações já obtidas com novas informações.

6.2.4 Construção ativa

A construção ativa de uma matéria está relacionada à forma que o jornalista vê o trabalho a ser feito. Quando a pauta chega nas mãos do repórter, ele pode simplesmente aceitá-la e correr atrás do que foi sugerido pelo editor, assim como ler apenas o que está presente na pauta, ou então pode correr atrás de novos dados, documentos e montar uma pauta mais interessante e completa. De repente, até mais atual do que a pauta proposta inicialmente.

"Se quiser fazer boas entrevistas e reportagens, o jornalista, tão logo receba a sua pauta, deve sair imediatamente da construção receptiva e assumir a construção ativa. Do contrário, estará tomando o cômodo caminho da passividade" (CAPUTO, 2006, 22).

Como lembra a autora, para construir ativamente a reportagem, o jornalista não deve ignorar a recepção passiva. Este é o primeiro passo do profissional, que deve aprender a construir primeiro a recepção. Sem ela, a construção ativa não existe. Mas, sabendo como fazê-lo, a construção ativa deve começar a agir, tornando o trabalho muito mais completo.

Para fazer esta série, li, vi e ouvi muitas reportagens sobre terceira idade. A partir delas, tentei fazer uma construção receptiva para absorver aquilo que era passado e tentar abranger a visão do mundo da terceira idade no Brasil. A partir daí, fiz a minha construção ativa, buscando novos dados, outras perspectivas, entrevistas com profissionais ainda não entrevistados sobre o assunto e etc. Tudo isso se faz a partir da construção social do repórter, como lembra Stela Caputo. Falarei sobre este tópico quando entrar na metodologia da elaboração dos roteiros, a seguir.

6.3 ELABORAÇÃO DOS ROTEIROS

Escrever os roteiros, para mim, é uma das fases mais complicadas da construção da reportagem. Com muitos dados, sonoras e informações relevantes, fica difícil selecionar o que entra. Por mais que se queira colocar tudo, o tempo das reportagens não deixa. Além disso, muitos dados servem apenas para nortear o jornalista. Então é preciso estudar para ver o que entra e o que fica de fora. Também é preciso criar um link entre as informações, mesclando dados e sonoras. O momento, na elaboração dos roteiros, é de não perder o foco e o objetivo do trabalho.

6.3.1 Seleção do que entrar

O jornalismo presta serviço à população. Tudo que for de interesse público deve ser noticiado e o jornalista não deve perder o foco na sociedade em momento algum. Stela Caputo diz que o jornalista, ao escrever o texto, deve se perguntar o tempo todo por que está escrevendo aquilo, para fazer o texto de acordo com a resposta dada à pergunta. E o porquê geralmente está no público. O que interessa à população saber? O que pode ajudar algum ouvinte, de alguma forma? A autora ressalta ainda que tão importante quanto saber o porquê de estar escrevendo aquilo, é saber como fazê-lo.

O autor Eugênio Bucci explica que a forma como o jornalista escreve tem a ver com a sua construção social, influenciada pela experiência pessoal. Assim, a questão da objetividade e

neutralidade não deve ser tida como uma verdade no jornalismo. Um jornalista, ao escrever, por mais que tome o cuidado de ser neutro, ao escolher até mesmo as palavras usadas, usa sua bagagem pessoal. Assim, Bucci sugere que o jornalista busque o equilíbrio para cumprir bem o seu papel.

“[...] Não se pode pretender que todos os que cubram assuntos religiosos sejam indiferentes às manifestações da fé. Não faz sentido. Como seria o jornalismo se todos os que falassem de futebol não apreciassem a arte dos craques, se todos os que cobrissem a área política defendessem a abstenção sistemática em todas as eleições, se todos os que fotografassem moda considerassem todos os desfiles uma celebração de futilidade e se todos os que escrevessem sobre religião fossem ateus resolutos? O ideal ético para superar esses dilemas de consciência requer a derrubada da impostura da neutralidade e, em lugar dela, a busca de um equilíbrio, de uma pacificação entre as convicções e crenças pessoais do jornalista e o nível de objetividade requerido pelo público. Do encontro desse equilíbrio depende a condição de diálogo do jornalista (e do veículo) com seu público. Em outras palavras, a legitimidade do jornalista como narrador dos fatos sociais depende também do encontro desse equilíbrio” (BUCCI, 2002, p.101).

Ao selecionar as informações que entraram na série, analisei o que seria mais importante, novo e interessante para o público. Importante no sentido de mudar algo na vida da pessoa, de prestar serviço, de alguma forma, ou de fazê-la criar uma reflexão em torno do tema. A sociedade ainda tem muito a amadurecer em relação a isso e iluminar um pouco esta área é de grande relevância para a sociedade. Como a maioria de nós chegará à terceira idade um dia, as informações escolhidas eram as que mais provocariam o ouvinte a aceitar melhor os idosos ou então a se planejar melhor para quando ele mesmo for um idoso. Em relação ao novo, busquei informações pouco divulgadas pela grande mídia, algo que trouxesse novidade. Como as tendências do país em envelhecimento são raramente tratadas, acredito que neste ponto eu tenha acrescentado informações novas e até surpreendentes.

Como lembrado por Bucci acima, a construção de um texto sempre depende da bagagem social de seu autor. A objetividade e a neutralidade são muito discutidas e a conclusão a que se chegou, na maioria dos autores, é que elas são um ideal a ser seguido, mas que nenhum jornalista jamais as atingiu, por mais que se tenha tentado. O que acontece é que, mesmo

inconscientemente, o jornalista coloca sua visão no texto, por mais imperceptível que isso possa ser. Não quero aqui gerar um debate sobre o tema, o objetivo não é este. Quero apenas mostrar que o trabalho jornalístico sempre parte de uma visão, e é sobre isso que vou falar no próximo tópico, para explicar melhor a construção do texto neste trabalho.

6.3.2 Jornalismo como ponto de vista

A série **Qualidade de vida na terceira idade** traz uma tendência positiva das pessoas que se incluem no grupo de 60 anos ou mais. Obviamente, ainda falta muito para se chegar a uma sociedade sem preconceitos e que aceite bem o idoso. Há, ainda, uma realidade dura para muitos idosos brasileiros - aposentadoria ruim, violência tanto física quanto verbal, falta de liberdade ou de autonomia, problemas no sistema público de saúde, enfim. Esta realidade existe e em momento algum a série ignorou este aspecto.

Na primeira reportagem, especialistas mostram as conquistas e as melhorias na vida das pessoas idosas de hoje em comparação com os idosos de antigamente. Por outro lado, também frisam que muito ainda precisa ser feito, e que a sociedade muitas vezes desrespeita os direitos dos idosos e que o governo ainda traz tanta burocracia para fazer valer esses direitos que eles acabam se perdendo. Nesta primeira reportagem, que dá um panorama geral da velhice no Brasil, era imprescindível colocar tanto o lado bom quanto o ruim. E foi este o meu objetivo ao escrevê-la - buscar o equilíbrio, como cita Bucci.

O objetivo da série, porém, não é relatar o lado bom e o ruim em ser idoso. Quis, desde o início deste trabalho, mostrar as mudanças comportamentais deste grupo. Nas reportagens seguintes tratei de mudanças no comportamento, me baseando na comparação de dados, leituras e em entrevistas com especialistas. O meu objetivo, ali, era partir do ponto de vista consensual dos especialistas e traçar este novo perfil de idosos, muito mais irreverente do que o perfil de idosos das décadas de 50, 60 e 70, por exemplo. As várias mudanças da sociedade refletiram na maneira de pensar dos idosos, e estudar essas mudanças foi o foco deste trabalho. Com visões legitimadas, tanto por livros, artigos e pesquisas quanto pelas entrevistas feitas com especialistas, pude estudar traços deste novo perfil, que, aliás, nunca será estático, sempre estará em transformação.

6.3.3 Contexto Histórico

Para fazer um trabalho completo, o jornalista não deve isolar um fato de sua história. Isto é, deve contextualizá-lo, procurando descobrir onde estão as causas. Em *Sobre entrevistas: Teoria, Prática e Experiências*, Stela Caputo (2006) pega como exemplo o documentário *Tiros em Colombine* (2002), de Michael Morre. A autora cita o trabalho de Moore como um exemplo de dedicação. Primeiro porque o cineasta ouviu várias fontes, pluralizou as versões e, o mais importante, indagou não somente o fato em si, mas o porquê dele. Moore tentou entender porque as pessoas cometem tanto este tipo de crime nos Estados Unidos. O importante, lá, era desvendar o motivo e não simplesmente tratar o fato como algo isolado.

Neste trabalho, foi isso que tentei fazer. Não somente fornecer dados atuais, mas compará-los com dados anteriores e entender o porquê das mudanças. Especialistas, a todo o momento, eram questionados não somente sobre os fatos, mas o que os faz surgir na sociedade. O fenômeno do envelhecimento foi tratado como um fato que merecesse mais estudos. Tratei das causas, como isso se deu no Brasil, questionei como a população lida com isso, como tende a lidar no futuro. Da mesma forma, as mudanças no comportamento também foram contextualizadas. Tentei explicar, com a maior clareza possível, porque os idosos antes eram menos ativos (havia pouco planejamento para se chegar à velhice, uma vez que a expectativa de vida era baixa e poucos chegavam aos 60 anos, além disso havia um estigma na população de que velhice era sinal de proximidade da morte, o que tornava os idosos pessoas com pouca chance de sobreviver por muito tempo) e porque as mudanças nessa postura começaram a surgir, como surgiram e para onde estamos caminhando.

Pierre Bourdieu defende que os jornalistas procurem historicizar os fatos, relacioná-los com o seu passado, achando respostas para as suas causas. Para o autor, os jornalistas devem procurar os sociólogos para entender o fato e seu contexto. Estes profissionais são os mais capacitados para fornecer aos jornalistas "os instrumentos de conhecimento e de compreensão, eventualmente até de ação, que lhes permitiriam trabalhar com alguma eficácia para controlar as forças econômicas e sociais que pesam sobre eles próprios" (BOURDIEU, 1997, p.108-109).

Seguindo Bourdieu, conversei com três sociólogos para entender melhor o envelhecimento populacional e tudo que o cerca, além de ter entrevistado também um gerontólogo social, especialista em idosos e sociedade. Neles, tive uma base que me permitiu investigar o fenômeno, obter detalhes de sua ocorrência no Brasil e entender as mudanças sociais que ele causa. Enfim, não colocar o envelhecimento populacional como um fato sem contexto. Quis mostrar o passado que o causou e o futuro que ele tende a construir.

6.3.4 Humanização

Luiz Costa Pereira Júnior (2010), em *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*, afirma que humanizar um relato é "resistir à tentação de estandardizar ou de precipitar análise sobre uma pessoa - mas, o que é mais complicado, não reduzir os significados possíveis que retratamos na história. Noticiar com frieza protocolar é um ato desumanizante, seja o alvo da apuração uma pessoa, cena ou história". Ele diz ainda que "desumanização" é a fragmentação dos sentidos, a superficialidade, a falta de contextualização (da qual já falei no tópico 6.3.3) ou o distanciamento acríptico das situações.

O mundo em que vivemos é um agravante para a desumanização das reportagens. Em primeiro lugar, a proximidade física é socialmente menor, enquanto vemos crescer a intermediação midiática. São as entrevistas por telefone, e-mail, informações de internet, enfim. No mundo globalizado de hoje, há um descompasso entre a realidade e o que somos capazes de absorver dela. Para amenizar a situação, Cremilda Medina diz que é necessário trocar um diálogo interpares por uma "dialogia dos sentidos", fazendo com que repórter e fonte tenham uma interação e familiaridade - aquilo que se sabe e que o outro também sabe, o que possibilita um diálogo mais humanizado.

Para a autora, como consequência desta interação, há "uma atitude pragmática de ir ao encontro das vivências cotidianas e colhê-las não com a metodologia explicativa, mas com os afetos e as simpatias da compreensão". Pereira Júnior completa o pensamento de Medina, ao dizer que chegar nesta abordagem significa intercalar, no relato, as considerações e as informações que universalizem a situação isolada.

"Daí ser necessário um esforço de apuração que busca, num só movimento, estabelecer relações entre uma observação "solidária" da experiência com a veia ensaística, o estofo reflexivo e conceitual que pode emergir das associações sugeridas por personagens e eventos (a "reportagensaio"). Pensar ao observar - observar, pensando". (PEREIRA JR, 2010, p.97).

Na série **Qualidade de vida na terceira idade**, a intenção foi construir uma narrativa humanizada sobre os personagens, criando uma liga entre eles e o resto da sociedade, com base em dados e especialistas. A ideia era fazer como Eliane Brum (2008) fez nas reportagens do seu livro *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. No livro, Eliane se impregna dos personagens. Sem eles, ela não teria reportagem alguma. No caso da minha série, isso também acontece. Os personagens são as ilustrações do que está acontecendo na sociedade. Conhecê-los de perto, saber de suas rotinas, personalidades, traços marcantes, família, enfim, foi parte essencial da construção das reportagens.

Para isso, segui alguns passos sugeridos por Pereira Júnior em *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*. O primeiro deles é buscar o máximo de ângulos e nuances, ou seja, pegar diferentes pontos de observação sobre o personagem, não apenas a sua visão própria sobre si, mas a visão de pessoas que convivem, como família e amigos. Se possível, desafetos também. Quando marcava uma entrevista, eu pedia que as pessoas mais próximas a ele estivessem presentes na entrevista também. Como o tempo de produção que eu tive, de um mês, era curto para tantos personagens, reunia todas as pessoas para uma conversa coletiva, inclusive o personagem. Observava aquelas que tinham mais contato com o personagem e depois conversava com ela em um local reservado. Por último, ficava o personagem, em uma entrevista a sós. Fazendo desta forma, acredito que tenha conseguido mais detalhes e visões sobre o personagem.

O autor defende que "a chamada humanização do relato implica uma abertura às necessidades informativas de quem consome a notícia e um respeito em apresentar situações em sua complexidade". Assim, tentei colocar, nos roteiros, os traços do personagem que são, de fato, relevantes para a sociedade. Isso implica pegar traços universais, fazer links com fatos e fenômenos da sociedade como um todo, para trazer uma proximidade ao ouvinte. Claro sem

deixar de expor as peculiaridades e características interessantes do personagem. Nos roteiros, intercalei informações e personagens, para dar movimento às reportagens e ajudar o ouvinte na hora de ligar os dados aos personagens e sonoras de especialistas. Ao fazer isso, acredito que tenha humanizado dados, tornando-os menos burocráticos.

“A humanização recupera uma profundidade diante das coisas que pode revelar um compromisso com o mundo, um sinal de que ele deve ser humanizado para a renovação das pessoas, das relações que mantemos com os outros” (PEREIRA JR, 2010, p.100).

6.3.5 Linguagem Radiofônica

A linguagem radiofônica é constituída pelo texto e pelos elementos sonoros. Um completa o outro, facilitando a compreensão do ouvinte e fazendo-o imaginar o que o repórter narra.

"Engloba o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, que atuam isoladamente ou combinados entre si de diversas formas. Cada um destes elementos contribui, com características próprias, para o todo da mensagem. Os três últimos trabalham em grande parte o inconsciente do ouvinte, enquanto o discurso oral o consciente" (FERRARETO, 2000, p.26).

6.3.5.1 O texto radiofônico

Todo texto jornalístico deve ser construído com clareza e objetividade, sem rodeios. O repórter de rádio, porém, deve redobrar atenção quando escreve, uma vez que o ouvinte não tem como voltar a fita e ouvir novamente o que foi dito, como é possível em jornais impressos e na internet. O ouvinte tem que entender o que o repórter está falando logo na primeira vez, caso contrário a mensagem não será transmitida e a finalidade do repórter, que é informar, não é atingida.

Para que a mensagem seja compreendida pelo ouvinte, segui passos práticos aprendidos na Universidade de Brasília ao longo dos últimos quatro anos. A primeira regra para se escrever um bom texto radiofônico é construir frases curtas e diretas - sujeito, verbo e predicado. A linguagem deve ser nítida, clara e inconfundível. A mensagem deve ser sintética, para dar dinâmica e variação na reportagem.

Outra dica importante é falar no presente ou na forma composta do futuro, como uma tentativa de aproximar o ouvinte do que está sendo dito pelo repórter. Para isso, a linguagem tem que ser coloquial e é importante evitar formas de falar que não são utilizadas pela população em geral. O jornalista não deve escrever o que ele não diria. Orações interpostas devem ser evitadas de qualquer forma, pois confundem o ouvinte. Deve-se sempre desmembrá-la em mais frases.

A narrativa deve ser forte e incisiva, para ser clara e crível. As palavras devem ser escolhidas de uma forma muito cuidadosa, para o texto ficar agradável. Para isso, também é necessário que o jornalista pontue o texto a partir de unidades fônicas, e não gramaticais. Evitar as cacofonias e rimas também ajuda na construção de um texto agradável. Os clichês devem ser banidos do texto, assim como as redundâncias. Rer ler o roteiro algumas vezes depois de escrito é fundamental para perceber esses erros que muitas vezes são difíceis de identificar.

Antes de escrever os roteiros, li todas essas regras, anotadas nas aulas de Radiojornalismo 0 e Radiojornalismo 1, do Departamento de Jornalismo da UnB. Assim, estava mais consciente na hora de escrever os roteiros e acredito ter evitado muitos dos erros acima com isso. Depois de prontos, reli as regras para ler os roteiros com um olhar crítico, refazendo a frase inteira caso não estivesse nos padrões acima. Esperei um dia para ler tudo novamente, em voz alta, para identificar erros que não havia identificado antes.

6.3.5.2 Elementos sonoros

A linguagem radiofônica é composta pelo texto e também pelos elementos sonoros que introduzimos na reportagem, como música, barulhos da natureza e etc. Para se ter uma

reportagem agradável, é necessário juntar texto e sons de uma forma harmoniosa. O objetivo dos elementos sonoros é sempre ilustrar aquilo que é dito, de uma forma que o ouvinte imagine a cena.

"Quando a sonoplastia e texto entram em equivalência, um traço da materialidade da palavra é emprestada à sonoplastia e vice-versa. Trata-se da transmutação do verbal em sonoplastia (efeito sonoro e trilha) e da sonoplastia em verbal num processo de equivalência, justaposição de sentidos em que paralelismo e simultaneidade se equilibram" (SILVA, 1999, p.81).

Na escolha de músicas, o repórter deve perceber o clima que a música traz para ilustrar bem o que ele quer passar. Músicas tensas servem para narração de suspense, medo, enfim, situações de aflição. Se a reportagem for descontraída, a música deve refletir este momento, com músicas mais animadas. Quando a música não é instrumental ou trilha branca, o cuidado deve ser maior ainda. O texto deve ser casado com o trecho da música escolhido.

Para escolher as músicas, primeiro li o pedaço do roteiro no qual a música entraria e pensei no quê exatamente gostaria de passar para o ouvinte. Para isso, temos que entender a situação que está sendo descrita, e definir a emoção que ela passa. A música tem que passar a mesma emoção. Selecionadas algumas músicas boas para o momento, lia o texto enquanto ouvia cada música selecionada. Isso ajudou na hora da dúvida entre duas ou mais opções.

Os outros elementos sonoros, como barulhos de animais, vento, água e etc. também devem estar em sintonia com o texto. Barulho de vento pode significar passagem de tempo, por exemplo. O que dá um toque especial na reportagem é usar a criatividade para aliar esses inúmeros barulhos ao texto, para passar a mensagem para o ouvinte de uma forma clara e agradável. Os sons são a graça da reportagem, o que dá dinamismo, vida. Por isso, têm de ser escolhidos de uma forma muito rigorosa, sempre traduzindo o que o texto quer dizer e passando para o ouvinte a ideia de uma forma mais incisiva, fazendo-o imaginar o que o repórter narra.

7 CONCLUSÕES

A primeira conclusão deste trabalho é que o jornalismo realmente parte de um olhar. Cada repórter dá o seu toque ao escolher um ponto de vista e, assim, fica muito claro que é possível fazer matérias completamente diferentes sobre o mesmo tema. Ao ver reportagens tão diferentes das minhas, tive de aceitar que a isenção e a objetividade, metas tão buscadas pelo jornalista, são praticamente inatingíveis. Aceitar isso não foi fácil, uma vez que todos nós entramos utópicos na universidade, achando que vamos ser os seres mais imparciais do universo. Entendi que não, e percebi que isso enriquece o jornalismo e dá a ele diversas possibilidades, claro que sempre fazendo um trabalho ético e buscando o equilíbrio de Bucci.

Em todos os personagens da série, a busca pela qualidade de vida foi percebida. Mesmo os personagens-contrapontos, presentes nas quatro últimas reportagens, mostravam lados positivos em relação à idade. A Maria Aguiar, da última reportagem, por exemplo, não se importa com a beleza. Por outro lado, faz atividades físicas com o objetivo de manter a saúde. A Mafisa Borges prefere não ter um companheiro ao seu lado, mas adora sair com as amigas para se divertir. O Edmilson, que não quis continuar trabalhando após a aposentadoria, gosta muito de viajar e curtir a vida.

Ou seja, por mais que, em um ponto, eles não sigam alguma tendência que visa à melhoria na qualidade de vida, em outros pontos eles buscam viver melhor. Esta foi uma das conclusões do trabalho: a velhice não é homogênea, muito pelo contrário. Não se pode julgar ninguém pelas ideias iniciais, o que, na verdade, é o grande motivo do preconceito contra a velhice. Existem idosos e idosos, e todos, para mim, foram fascinantes. Com cada um deles aprendi algo novo e que vou levar para a minha vida.

Passei boas horas com eles, o que me fez criar um carinho grande. Os idosos são, na grande maioria das vezes, muito amáveis e acessíveis, o que tornou o processo de entrevistas bem fácil. Um problema, porém, vem exatamente daí. Manter o distanciamento desejado para fazer a série fica mais complicado quando, de alguma forma, você se envolve com o entrevistado. As histórias contadas eram emocionantes para mim e parecia que eu entrava mais na vida deles do que eu gostaria a princípio.

Uma das dificuldades em fazer uma série é essa: como o assunto deve ser abordado de uma maneira mais profunda, o contato com os personagens tem que ser muito maior do que em uma matéria factual. Além disso, para obter tantas informações de uma mesma pessoa, é necessário fazê-la confiar no entrevistador. Atingir este objetivo sem ficar próximo, às vezes, é complicado. Porém, manter o foco era necessário para que a entrevista ficasse bem feita. E foi o que tentei fazer em todos os momentos.

Se comparadas com matérias factuais, as reportagens especiais dão muito mais trabalho e apresentam um grau maior de dificuldade em todas as etapas: apuração, redação e edição. Para este trabalho, fiz mais de 40 entrevistas. Com tanto material, tive que cortar frases maravilhosas, optar por um especialista ou outro na hora de colocá-lo na reportagem e uma série de outras escolhas. Enfim, foi um trabalho sofrido, uma vez que queria ter todas as frases e todos os entrevistados no trabalho. Cortar é difícil, e nesta série isso ficou ainda mais evidente.

Por outro lado, vê-la pronta foi uma satisfação enorme. Principalmente ao observar que os objetivos que me propus antes mesmo de começá-la foram atingidos. O primeiro deles era ter uma abordagem diferente. Como já foi dito, pesquisei matérias do tipo e poucas vezes encontrei algo semelhante. Quis fugir dos temas batidos em relação à terceira idade e acredito que a série mostre lados ainda não explorados pela mídia, o que me deixa bastante satisfeita.

Outro objetivo era investigar mais a fundo o envelhecimento populacional no Brasil. Ao resolver todas as minhas dúvidas sobre o fenômeno e colocar as explicações no primeiro roteiro, tive a sensação de cumprir este objetivo. Com ele, outro também foi resolvido: o de passar para o ouvinte o que podemos esperar para o futuro. Um objetivo é consequência do outro e, ao entender de verdade o envelhecimento populacional, saber o que vem pela frente tanto em termos demográficos quanto em termos sociais e comportamentais fica muito mais fácil.

Mostrar os lados bons da velhice também foi um norte a ser seguido durante este trabalho. Com personagens tão alegres e com tanta vontade de viver, acho que pude passar para o ouvinte as alegrias de ser idoso. Uma frase que me marcou bastante foi da Conceição. Na

quarta reportagem, ela diz: "Agora, depois de velha, que eu estou vivendo a vida". Adélio também, ao dizer "Cada vez eu gosto mais da minha vida e gosto de viver", também mostrou um lado fascinante da velhice. Espera-se que eles não tenham mais disposição, mas, na verdade, muitas vezes eles querem aproveitar a vida muito mais do que os jovens querem.

Depois de viverem por tanto tempo, já não querem mais perder tempo com besteiras e não se aborrecem com qualquer coisa. Saber viver é coisa para poucos, mas percebi, durante este trabalho, que os idosos valorizam o que é importante e deixam para lá o que pode até parecer relevante, mas que no fundo não é. Acho que falta isso nos jovens, que vivem se preocupando com bobagens, não dão valor ao que importa e, assim, a vida vai passando, com a metade da graça que ela poderia ter. Para mim, com este trabalho, ficou também uma lição para toda a vida: saber aproveitá-la.

"A vida não está aí apenas para ser suportada ou vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Não é preciso realizar nada espetacular. Mas que o mínimo seja o máximo que a gente conseguiu fazer consigo mesmo". (Lia Luft)

"Um aspecto a ser salientado é o entendimento de que a velhice não acarreta somente perdas, mas também ganhos e possibilidades. Assim, evoca-se a necessidade do rompimento de estereótipos e de preconceitos em relação à velhice, para que se possam encontrar formas mais saudáveis de o idoso vivenciar essa etapa da vida como um indivíduo ativo e sujeito de sua própria história" (Ruthe Correia Costa)

8 BIBLIOGRAFIA

8.1 BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

BIRMAN, Joel. **Futuro de todos nós**: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro / organizador Renato Veras. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: UnATI/UERJ, 1995

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2004

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. São Paulo, Papirus, 1997

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca de uma literatura da vida real. São Paulo, Globo, 2008.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo, Companhia das Letras, 2002

CAMARANO, Ana Amélia. **Idosos brasileiros**: indicadores de condições de vida e de acompanhamento de políticas. Brasília, Presidência da República, Subsecretaria de Direitos Humanos, 2005

CAMARANO, Ana Amélia. **Muito além dos 60**: os novos idosos brasileiros. São Paulo, FGV, 2004

CANELA, Guilherme. **A cobertura jornalística das políticas públicas sociais**: elementos para debate. In: Políticas Públicas Sociais e os Desafios para o Jornalismo / organizador Guilherme Canela. São Paulo, Cortez, 2008

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências.** Petrópolis - RJ, Vozes, 2006

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo.** São Paulo, Summus, 1998

CORTE, Beltrina; GOMES, Mayra Rodrigues. **A violência e a velhice na mídia.** 2006. Comunicação apresentada durante o NP "Comunicação para a Cidadania". Brasília, 2006

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade.** Rio de Janeiro, Zahar, 2000

Estatuto do Idoso. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm
Acesso em 15 de outubro de 2011

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2000

FERRARI, Maria Helena; Sodré, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo, Summus, 1986

Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade / Anita Liberalesso Neri e Gustavo Venturi (organizadores). São Paulo, SESC-SP, 2007

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Los elementos del periodismo.** Aguilar, Grupo Santillana, 2003

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. São Paulo, Record, 2002

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo, Summus, 2001

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo, Summus, 2003

MEDINA, Cremilda. **Ciência e sociedade**: mediações jornalísticas. São Paulo, Estação Ciência, 2005

METZLER, Ken. **Creative Interviewing**: The Writer's Guide to Gathering Information by Asking Questions. Boston, Allyn and Bacon, 1996

MORIN, Edgar. **A entrevista nas ciências sociais, no rádio e na televisão**. In: Cadernos de Jornalismo e Comunicação, Nº 11, Rio de Janeiro, 1986

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo, Contexto, 2008

PEREIRA JR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis - RJ, Vozes, 2010

Política Nacional do Idoso. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2007. Disponível em <http://www.mds.gov.br/gestaodainformacao/biblioteca/secretaria-nacional-de-assistencia-social-snas/cadernos/politica-nacional-do-idoso/politica-nacional-do-idoso>. Acesso em 15 de outubro de 2011

RODRIGUEZ, Pepe. **Periodismo de investigación**: técnicas y estrategias. Barcelona, Paísós Pepeles de Comunicación, 1994

SAMPER, Daniel Pizano; CASTILLO, Eduardo. **Antologia de Grandes Reportajes Colombianos**. Bogotá - Colômbia, Aguilar, 2001

SIEVERT, Marilde; VIEIRA, Taíse Jaína. **Nova geração de idosos**: um consumidor a ser conquistado. Disponível em http://www.projedoradix.com.br/arq_artigo/X_17.pdf - Acesso em 15 de outubro de 2011

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano. **Rádio**: oralidade mediatizada. São Paulo, Annablume, 1999

STEPANSKY, Daizy Vakmorbida. **Produto, mercado de trabalho e consumo para a população idosa**. In: Empreendedorismo, Trabalho e Qualidade de Vida na terceira idade / organizador Juarez Correia Barros Júnior. São Paulo, Edicon, 2009

TRAQUINA, Nelson. **Estudo do Jornalismo no Século XX**. São Paulo, Unisinos, 2001

Velhices: reflexões contemporâneas. Vários colaboradores. São Paulo, SESC-SP, 2006

VERAS, Renato; CAMARGO JR, Kenneth Rochel. **Idosos e universidade**: parceria para a qualidade de vida. In: Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro / organizador Renato Veras. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: UnATI/UERJ, 1995

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. Traduzido por Karina Jannini. São Paulo, Martins Fontes, 2003

8.2 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BORGES, Lucivanda Cavalcante. **Os grupos de Convivência na Terceira Idade:** suporte social e afetivo. In: Maturidade e velhice, v.1: pesquisa e intervenções psicológicas / Deusivania Vieira da Silva Falcão, Cristina Maria de Souza Brito Dias, organizadoras. - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

BRANDEN, Nathaniel. **Auto-Estima:** como aprender a gostar de si mesmo. São Paulo, Saraiva, 2000

COSTA, Gilberto; NUNES, António Dias. **A arquitetura residencial e o idoso.** In: Convivendo com o familiar idoso / Leonia Capaverde Bulla, Irani Iracema de Lima Argimon (organizadoras). Porto Alegre, EDIPUCRS, 2009

COSTA, Ruthe Correia. **Terceira idade hoje:** sob a ótica do serviço social. Canos, Ulbra, 2007

FUCS, Gilda Bacal. **Homem e mulher:** encontros e desencontros. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992

GOYAZ, Marília. **Vida ativa na melhor idade.** Revista da UFG, Vol. 5, Nº 2, 2003 - www.proec.ufg.br - Acessado em 15 de outubro de 2011

HANSEN, Mark Victor. **Como envelhecer sem ficar velho.** Tradução de Lilian Jenkino. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2007

OKUMA, Silene Sumire. **O idoso e a atividade física:** fundamentos e pesquisa. Campinas, Papirus, 1998

PASCUAL, Cosme Puerto. **Sexualidade do Idoso**. São Paulo, Edições Loyola, 2002

PORTO, Jeferson Corrêa. **Longevidade**: atividade física e envelhecimento. Maceió, Edufal, 2008

RISMAN, Arnaldo. **Atividade Sexual na terceira idade**. In: Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro / organizador Renato Veras. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: UnATI/UERJ, 1995

8.3

9 ANEXOS

9.1 ORÇAMENTO

Locutor (Murilo Grossi): R\$ 400

Ligações telefônicas: R\$ 300

Livros: R\$ 250

Gráfica (capa e adesivo CD): R\$ 100

Impressão e encadernação Memorial: R\$ 150

Combustível: R\$ 300

Total: R\$ 1.500

9.2 ROTEIROS

9.2.1 Primeira Reportagem

CHAMADA: 20 MILHÕES. ESTE É O NÚMERO DE IDOSOS BRASILEIROS. ANTES CONSIDERADO UM PAÍS JOVEM, HOJE O BRASIL ENTRA EM UM ACELERADO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL. A PROJEÇÃO DO IBGE É QUE DAQUI A QUINZE ANOS SEREMOS O SEXTO PAÍS EM POPULAÇÃO IDOSA NO MUNDO. E OS REFLEXOS DISSO JÁ COMEÇARAM A SURTIR. A IDEIA DE ASSOCIAR TERCEIRA IDADE A DOENÇAS E COISAS RUINS COMEÇA A MUDAR. E OS PRÓPRIOS IDOSOS TENDEM A TRANSFORMAR SEUS COMPORTAMENTOS. MAIOR ATIVIDADE E PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE SÃO ALGUNS DESSES NOVOS HÁBITOS QUE VOCÊ VAI DESCOBRIR AGORA.

LUIZA: CABELOS GRISALHOS, SABEDORIA, RUGAS. ANTES, A PREDOMINÂNCIA DE PESSOAS COM MAIS DE SESENTA ANOS ERA COISA DE EUROPA. O BRASIL ERA

ESSENCIALMENTE JOVEM. MAS O CENÁRIO MUDOU E HOJE A POPULAÇÃO BRASILEIRA ENVELHECE EM RITMO ACELERADO.

TEC: ENTRA POVO FALA

"PORQUE HOJE EM TODO LUGAR QUE A GENTE VAI TEM PESSOAS MAIS VELHAS"

"ELES ESTÃO EM TODO CANTO"

LUIZA: DADOS DO CENSO 2010, DO IBGE, MOSTRAM QUE JÁ SÃO MAIS DE 20 MILHÕES DE BRASILEIROS ACIMA DOS 60 ANOS, QUASE 11% DA POPULAÇÃO. HÁ VINTE ANOS, O PERCENTUAL ERA DE APENAS 7%. ESTIMA-SE QUE O NÚMERO DE IDOSOS NO BRASIL SERÁ DE TRINTE E DOIS MILHÕES EM 2025, DEIXANDO O PAÍS EM SEXTO LUGAR NO MUNDO EM POPULAÇÃO IDOSA. DE ACORDO COM A SOCIÓLOGA ANALIA SORIA, DA UnB, UM DOS MOTIVOS QUE CONTRIBUEM PARA A CHAMADA VIRADA DEMOGRÁFICA É A NOVA MANEIRA DA MULHER SE ENXERGAR NA SOCIEDADE.

TEC: ENTRA SONORA ANALIA SORIA

"(19:30) É UMA TENDÊNCIA PORQUE AS MULHERES ESTÃO TENDO MENOS FILHOS E ESSA EMANCIPAÇÃO FEMININA É DIFÍCIL QUE RETORNE À ÉPOCA ANTIGA, ONDE AS MULHERES TINHAM FILHOS E FILHOS E FILHOS. ISSO NAO RETORNARÁ MAIS. EXISTE A CONTRACEPÇÃO, OS DESEJOS E ANSEIOS DA PROFISSIONALIZAÇÃO DAS MULHERES, EXISTE UMA VISÃO DIFERENTE SOBRE O DESTINO DE SER MULHER"

LUIZA: ALÉM DA DIMINUIÇÃO DA TAXA DE FECUNDIDADE, O BRASIL EXPERIMENTA UM CRESCIMENTO ECONÔMICO QUE INFLUENCIA NO AUMENTO DO NÚMERO DE IDOSOS.

TEC: ENTRA SONORA ANALIA SORIA

"(23:50) A MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA DAS PESSOAS NO BRASIL ACONTECEU DE UMA MANEIRA COMO CONCENTRADA E ACELERADA. TUDO ISSO

MELHORA AS CONDIÇÕES DE VIDA. SE MELHORA AS CONDIÇÕES DE VIDA, A EXPECTATIVA DE VIDA AUMENTA".

LUIZA: EM 1980, A EXPECTATIVA DE VIDA DO BRASILEIRO ERA DE 63 ANOS. HOJE, CHEGA A 73.

TEC: ENTRA POVO FALA

"QUER DIZER QUE AS PESSOAS ESTÃO COM MAIS SAÚDE"

"É UM SINAL DE DESENVOLVIMENTO, NÉ?"

LUIZA: O AUMENTO NA EXPECTATIVA DE VIDA É SIM UM BOM SINAL, MAS ESPECIALISTAS ALERTAM QUE O BRASIL AINDA TEM UM LONGO CAMINHO A PERCORRER. APESAR DE INICIATIVAS CADA VEZ MAIS FREQUENTES, O ASSISTENTE SOCIAL VICENTE FALEIROS DESTACA A FALTA DE UMA POLÍTICA CENTRALIZADA PARA ATENDER ESSE NÚMERO CRESCENTE DE IDOSOS.

TEC: ENTRA SONORA VICENTE FALEIROS

"(02:00) HÁ UMA PREOCUPAÇÃO, VAMOS DIZER ASSIM, AINDA FORMAL, MAS REAL AINDA NÃO. HÁ UM PIPOCAR DE EXPERIÊNCIAS AINDA ISOLADAS, MAS NÃO TÃO ARTICULADAS EM UMA POLÍTICA"

LUIZA: O MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO LANÇOU, EM 1994, A POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO, E COM ELA O CONSELHO NACIONAL DO IDOSO. O OBJETIVO É ASSEGURAR AOS MAIORES DE 60 ANOS DIREITOS QUE PERMITEM MAIOR AUTONOMIA, INTEGRAÇÃO E PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE. EM 2003, FOI APROVADO O ESTATUTO DO IDOSO, QUE GARANTE MAIS DIREITOS, COMO PRIORIDADE DE ATENDIMENTO EM ÓRGÃOS PÚBLICOS E TAMBÉM NA RESTITUIÇÃO DO IMPOSTO DE RENDA. PARA O GERONTÓLOGO SOCIAL JOÃO MEDEIROS, A LEI É BONITA, MAS NA PRÁTICA AINDA NÃO FUNCIONA.

TEC: ENTRA SONORA JOÃO MEDEIROS

"(31:32) NÓS TEMOS LEIS HOJE, AS LEIS BRASILEIRAS SÃO CONSIDERADAS AS MELHORES DO MUNDO E MAIS JUSTAS DO MUNDO. AGORA TEM QUE CUMPRIR ESSA LEI".

LUIZA: A BUROCRACIA E INEFICIÊNCIA DOS SERVIÇOS PÚBLICOS ACABAM NEGANDO OS BENEFÍCIOS CONQUISTADOS COM AS LEIS. ALÉM DISSO, PARTE DA SOCIEDADE AINDA NÃO RESPEITA OS DIREITOS DOS IDOSOS, COMO VAGAS PREFERENCIAIS EM ESTACIONAMENTOS. PARA O GERONTÓLOGO, FALTA CONSCIÊNCIA.

TEC: ENTRA SONORA JOÃO MEDEIROS

"(06:45) OS ESTACIONAMENTOS, QUE FORAM UMA LUTA NOSSA DESDE 86, A GRANDE DIFICULDADE É QUE AS PESSOAS NÃO MUITO HONESTAS PEGAM AS VAGAS QUE ESTÃO RESERVADAS PARA O IDOSO E ESTACIONAM SEUS CARROS. E NÃO SÃO IDOSOS. E ESQUECEM QUE UM DIA ELES VÃO SER IDOSOS E TERIAM QUE ESTAR AJUDANDO".

LUIZA: APESAR DOS PROBLEMAS, AS EXPECTATIVAS SÃO BOAS. A SOCIÓLOGA ANALIA EXPLICA QUE A VIRADA DEMOGRÁFICA NO BRASIL ACONTECEU DE UMA FORMA MUITO RÁPIDA, LEVANDO APENAS ALGUMAS DÉCADAS. POR ISSO, A POPULAÇÃO AINDA ESTÁ SE ADAPTANDO AO FENÔMENO DO ENVELHECIMENTO.

TEC: ENTRA SONORA ANALIA

"(32:50) QUANTO MAIS VELHOS A SOCIEDADE TEM, NÃO TEM COMO NÃO MUDAR, PORQUE OS VELHOS, EM UM MOMENTO, VÃO SER NUMERICAMENTE MAIS IMPORTANTES QUE OS JOVENS, E MESMO DO PONTO DE VISTA DA HIERARQUIA DOS PODERES SOCIAIS. (43:00) NÃO TEM COMO NÃO ACONTECER ISSO. POR ISSO QUE EU ACHO QUE TAMBÉM TUDO ISSO TRANSFORMA O OLHAR DAS PESSOAS".

LUIZA: COM AS MUDANÇAS, OS IDOSOS ESTÃO GANHANDO SEU ESPAÇO. É O QUE EXPLICA O ASSISTENTE SOCIAL VICENTE FALEIROS.

TEC: ENTRA SONORA VICENTE FALEIROS

"(10:35) EXISTE UM MOVIMENTO. OS PRÓPRIOS IDOSOS SE ORGANIZANDO, PORQUE A NOSSA GERAÇÃO, QUE É A DO BABY-BOOM, DO PÓS-GUERRA, É UMA GERAÇÃO QUE PARTICIPOU MUITO. E TAMBÉM ESTÁ MAIS CONSCIENTE".

LUIZA: E ESTA GERAÇÃO ENCARA A VELHICE COM MAIS OTIMISMO. DE ACORDO COM A PESQUISA IDOSOS NO BRASIL, REALIZADA EM 2007 PELA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 56% DAS PESSOAS COM MAIS DE 60 ANOS ACHAM QUE SUA SITUAÇÃO ATUAL É MELHOR DO QUE QUANDO ERAM MAIS JOVENS. A PSICÓLOGA LETÍCIA FLESCH PERCEBE ESSA NOVA POSTURA DOS IDOSOS.

TEC: ENTRA SONORA LETÍCIA FLESCH

"(18:30) EU PERCEBO MUDANÇAS. EU FIZ UM TRABALHO QUE ERA SOBRE A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO IDOSO PARA O IDOSO. E AS RESPOSTAS ERAM BEM INTERESSANTE, PORQUE PRIMEIRO EU PERGUNTAVA O QUE É SER IDOSO. ELES DIZIAM: IDOSO É FICAR VELHO, CHEIO DE DOENÇA, NINGUÉM OLHA MAIS PARA A GENTE, NINGUÉM SE IMPORTA. TUDO BEM. E O SENHOR SE SENTE ASSIM? NÃO, EU NÃO. SOU SAUDÁVEL. TENHO MEUS AMIGOS, TODO MUNDO GOSTA DE MIM, TODO MUNDO ME RESPEITA. ENTÃO FOI CRIADA UMA IMAGEM DO QUE ERA SER IDOSO, MAS QUE NA PRÁTICA, ÀS VEZES, NÃO É BEM ASSIM".

LUIZA: ANTES OS IDOSOS FICAVAM MUITO EM CASA, APENAS VENDO TELEVISÃO. HOJE, POR CONTA DO MUNDO DINÂMICO EM QUE VIVEMOS, ELES ESTÃO MAIS ATIVOS. FAZEM ATIVIDADES FÍSICAS, CRIAM REDES SOCIAIS, ESTUDAM...

TEC: ENTRA SONORA LETÍCIA FLESCH

“(12:40) HOJE É MUITO COMUM, A GENTE VÊ ATÉ AQUI NA UNIVERSIDADE. A GENTE ENCONTRA IDOSOS VOLTANDO PARA A UNIVERSIDADE, ESTUDANDO. "SEMPRE QUISE ESTUDAR, MAS NUNCA PUDE" E ÀS VEZES AGORA É A OPORTUNIDADE, NÉ? JÁ ESTÃO SE SENTINDO CAPAZES DE APRENDER, SENTINDO A NECESSIDADE. A QUESTÃO DA INFORMÁTICA. HOJE AS COISAS FUNCIONAM MUITO RÁPIDO, ENTÃO PARA UM IDOSO ACOMPANHAR ISSO, É PRECISO SE APROPRIAR DO MUNDO. A GENTE OUVIU MUITO A EXPRESSÃO "NO MEU TEMPO", MAS POR QUE O MEU TEMPO NÃO PODE SER AGORA?

LUIZA: MUITOS IDOSOS JÁ SE SENTEM À VONTADE NO ACELERADO SÉCULO VINTE E UM, PRINCIPALMENTE OS DA CLASSE MÉDIA E MÉDIA ALTA. A TENDÊNCIA É QUE ISSO SE GENERALIZE, ALCANÇANDO TODAS AS CLASSES. É O QUE ALERTA A SOCIOLOGA ANALIA SORIA.

TEC: ENTRA SONORA ANALIA SORIA

“(54:35) AS CLASSES MAIS BAIXAS, MESMO NA DESIGUALDADE, NO BRASIL, ESTÁ MELHORANDO. MAS MESMO NA DESIGUALDADE, ENTÃO ESSAS PESSOAS TAMBÉM VÃO VIVER MAIS, VIVEM MELHOR E COMEÇAM A COMUNGAR COM OS VALORES DA CLASSE MÉDIA E DA CLASSE MÉDIA ALTA. PORQUE TAMBÉM SE ESPELHAM MUITO NAS CLASSES ALTAS.”

LUIZA: ESSA TENDÊNCIA POSITIVA FOI DEMONSTRADA POR UMA PESQUISA DO "NEW DYNAMICS OF AGEING PROGRAMME", COMANDADA POR CINCO INSTITUTOS DE PESQUISAS NA INGLATERRA. DE ACORDO COM O ESTUDO, O NÍVEL DE SATISFAÇÃO ENTRE OS IDOSOS DE PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO, COMO O BRASIL, AUMENTOU ENTRE 2002 E 2008, CONSEQUÊNCIA DE UMA COMBINAÇÃO DE CRESCIMENTO ECONÔMICO E POLÍTICAS SOCIAIS.

TEC: ENTRA POVO FALA

“ANTIGAMENTE, NÓS CONHECÍAMOS NOSSAS MÃES VELHAS. NÃO QUE ELAS FOSSEM VELHAS, MAS O TIPO DE VIDA QUE LEVAVAM. HOJE A VIDA NOS OFERECE

MUITA COISA PARA A GENTE. ENTÃO EU ACHO QUE ESSE GRUPO NOSSO, A GENTE ESTÁ SENDO FAVORECIDO”.

“ENQUANTO A GENTE ESTÁ VIVA, CONSCIENTE E PODENDO APROVEITAR ALGUMA COISA QUE A VIDA NOS OFERECE, A GENTE TEM QUE LUTAR POR AQUILO QUE A VIDA ESTÁ OFERECENDO. SEJA O BEM ESTAR, A BELEZA, A DIVERSÃO, O ESPORTE. TUDO ISSO É UM RECADO PARA A PESSOA DA TERCEIRA IDADE FAZER. E EU FAÇO TODAS ESSAS COISAS”.

CHAMADA PRÓXIMA REPORTAGEM: OS DETALHES SOBRE TODAS ESSAS MUDANÇAS VOCÊ CONFERE NAS PRÓXIMAS REPORTAGENS, QUE FALAM SOBRE APOSENTADORIA, ATIVIDADES FÍSICAS, RELACIONAMENTOS E BELEZA.

9.2.2 Segunda Reportagem

CHAMADA: A APOSENTADORIA, PARA MUITOS, É SINÔNIMO DE INATIVIDADE. MAS NEM SEMPRE É ASSIM. DADOS DO IBGE MOSTRAM QUE 54% DOS IDOSOS CONTINUAM TRABALHANDO OU SE OCUPAM COM HOBBIES OU ESTUDOS. A PESQUISA IDOSOS NO BRASIL VEM COM OUTRO DADO CURIOSO: 44% DOS ENTREVISTADOS SE DISSERAM INTERESSADOS EM FAZER ALGUM CURSO APÓS A APOSENTADORIA. COM MAIS DISPOSIÇÃO, OS IDOSOS APOSENTADOS ESTÃO PROCURANDO CADA VEZ MAIS ATIVIDADES, O QUE SÓ TRAZ BENEFÍCIOS, DE ACORDO COM ESPECIALISTAS. A HORA DE PENDURAR A CHUTEIRA, AGORA, PODE SIGNIFICAR UM COMEÇO DE MAIS REALIZAÇÕES. É O QUE VOCÊ CONFERE NA SEGUNDA REPORTAGEM DA SÉRIE QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE.

TEC: ENTRA SONORA CARLOS RUBENS

“(04:25) POR EXEMPLO, É A DIFERENÇA ENTRE UMA LAGOA E UM RIO. A LAGOA PARADA E O RIO SEMPRE MOVIMENTANDO. PORQUE VOCÊ SABE QUE NOSSO VIVER, A COISA É DINÂMICA. AINDA MAIS HOJE, QUE DINAMISMO QUE TEM. ENTÃO VAI RENOVANDO, NÉ?”

LUIZA: MORADOR DO GAMA, CARLOS RUBENS PREFERE SER O RIO E ESTAR SEMPRE EM MOVIMENTO. TEM 76 ANOS E MUITA VONTADE DE APRENDER. APAIXONADO POR COMPUTADORES, APROVEITOU A APOSENTADORIA COMO VENDEDOR PARA FAZER TRÊS CURSOS DE COMPUTAÇÃO VOLTADOS PARA A TERCEIRA IDADE, DE UM PROGRAMA DA SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO DF.

TEC: ENTRA SONORA CARLOS RUBENS

"(00:50) EU TODA VIDA TIVE VONTADE DE APRENDER. COMPUTADOR É UMA COISA MARAVILHOSA. EU DIZIA À MINHA AVÓ QUE APRENDER NÃO OCUPA LUGAR"

LUIZA: CARLOS CONTA QUE, QUANDO ESTÁ EM CASA, FICA SÓ ESPERANDO OS NETOS SAÍREM DO COMPUTADOR PARA SE APROPRIAR DA MÁQUINA E DESCOBRIR UM MUNDO NOVO DENTRO DELA. E O PRÓXIMO PASSO DO APOSENTADO É APRENDER INGLÊS.

TEC: ENTRA SONORA CARLOS RUBENS

"(03:30) PRETENDO FAZER INGLÊS. PORQUE VAI PRECISAR, VEM COPA DO MUNDO, ESSA COISA TODA. PODE SOBRAR UM PEDACINHO PARA A GENTE"

LUIZA: SEMPRE PENSANDO NO FUTURO, CARLOS EXPLICA QUE FAZER ALGUMA COISA É UM VÍCIO. FICAR PARADO, SÓ DE VEZ EM QUANDO. E OLHE LÁ.

TEC: ENTRA SONORA CARLOS RUBENS

"(04:40) DIZ QUE O HOMEM É O PRODUTO DO MEIO. É, REALMENTE. NÃO SABE FICAR SEM CORRER ATRÁS NÃO. TODO DIA UMA COISA QUE APARECE, TODO DIA COISA PARA PENSAR. ACHO QUE NEM QUANDO A GENTE MORRER VAI SOSSEGAR, ACHO QUE NÃO"

LUIZA: DE ACORDO COM DADOS DO PNAD 2009, DO IBGE, 66% DOS IDOSOS ESTÃO APOSENTADOS. 30% DELES FAZEM ALGUMA ATIVIDADE, COMO CURSOS E TRABALHOS VOLUNTÁRIOS. PARA O ASSISTENTE SOCIAL VICENTE FALEIROS, NÃO FICAR PARADO E COMEÇAR UM NOVO PROJETO PODE SER UM MOMENTO DE REALIZAÇÃO.

TEC: ENTRA SONORA VICENTE FALEIROS

"(28:00) É IMPORTANTE, QUANDO VOCÊ SE APOSENTA, NÃO FICAR ISOLADO DE PROJETOS DE VIDA. ENTÃO A APOSENTADORIA É UMA RUPTURA COM O AMBIENTE DO TRABALHO, MAS ELA TEM QUE SER CONTINUADA COM A MANUTENÇÃO DE VÍNCULOS. PORQUE ÀS VEZES AS PESSOAS PENSAM QUE SEM TRABALHO A VIDA ACABOU. PELO CONTRÁRIO, VOCÊ ESTÁ COMEÇANDO UMA NOVA FORMA DE VIVER"

LUIZA: FORMA DE VIVER QUE O MÉDICO APOSENTADO OSCAR MOREN SABE COMO É. COM 82 ANOS, CONTINUA TRABALHANDO EM SEU CONSULTÓRIO E APROVEITA O TEMPO MENOS CORRIDO PARA REALIZAR SONHOS ANTIGOS, COMO A PINTURA.

TEC: ENTRA SONORA OSCAR MOREN

"(12:00) SEMPRE FICOU A IDEIA DE QUE UM DIA, EM FUNÇÃO DA DISPONIBILIDADE, EU IRIA APRENDER A PINTAR. E HOJE EU VIVO FAZENDO ARTE E FAZENDO MEDICINA"

LUIZA: AOS 74 ANOS, MOREN ENTROU NA AULA DE PINTURA. E OS HOBBIES NÃO PARAM POR AÍ. O MÉDICO JOGA TÊNIS QUATRO VEZES POR SEMANA EM UM CLUBE. JÁ ARRASTOU A FAMÍLIA INTEIRA PARA O ESPORTE, MULHER E FILHAS. ALÉM DISSO, ESCREVEU DOIS LIVROS SOBRE MEDICINA. O ÚLTIMO FOI LANÇADO EM SETEMBRO DESTE ANO. O DIA, PARA O MÉDICO, ARTISTA E ESCRITOR É CURTO.

TEC: ENTRA SONORA OSCAR MOREN

"(16:23) EU GOSTARIA QUE MEUS DIAS TIVESSEM UMAS 40 HORAS, NÃO DÁ TEMPO PARA FAZER TUDO QUE EU QUERO"

LUIZA: O TRABALHO É VISTO COMO UM LAZER, COMO PREGA A FILOSOFIA DO CIENTISTA DO TRABALHO DOMENICO DE MASI. PARA O ITALIANO CRIADOR DO CONCEITO DE ÓCIO CRIATIVO, AS ATIVIDADES NÃO PODEM SER VISTAS COMO UMA OBRIGAÇÃO, E SIM COMO UM MOMENTO DE PRAZER. QUEM SOUBER FAZER ISSO, SE LIBERTA DA IDEIA TRADICIONAL DE TRABALHO E É CAPAZ DE MESCLAR AS FUNÇÕES AO TEMPO LIVRE E AO ESTUDO. É O QUE MOREN FAZ.

TEC: ENTRA SONORA OSCAR MOREN

"(19:57) NÃO EXISTE DIFERENÇA, TRABALHO PARA MIM É LAZER TAMBEM. EU ACHO QUE TRABALHO É UMA FORMA DE VOCÊ SE REALIZAR AJUDANDO O PRÓXIMO, SENDO ÚTIL. ENQUANTO EU ME SENTIR ÚTIL À SOCIEDADE, EU ESTAREI TRABALHANDO".

LUIZA: O IMPORTANTE É QUE A PESSOA NÃO PARE COM AS ATIVIDADES DEPOIS DA APOSENTADORIA. OU CONTINUE TRABALHANDO, OU DESCUBRA UM NOVO HOBBIE E SE OCUPE DELE, OU APROVEITE O TEMPO LIVRE E VÁ VIAJAR. TUDO ISSO AUMENTA A QUALIDADE DE VIDA E EVITA TRANSTORNOS COMO DEPRESSÃO, CAUSADA MUITAS VEZES PELA SENSAÇÃO DE NÃO SER ÚTIL À SOCIEDADE. É O QUE PENSA A PSQUIATRA JUSSANE MENDONÇA.

TEC: ENTRA SONORA JUSSANE MENDONÇA

"(14:50) EU ACHO QUE A QUESTÃO É A PESSOA NÃO SE AFASTAR DO MUNDO REAL PORQUE SE APOSENTOU. QUEM APOSENTA É UMA FUNÇÃO, NÃO É A PESSOA. E NÃO É SÓ UMA QUESTÃO SE A PESSOA VAI CONTINUAR TRABALHANDO OU NÃO. É SE A PESSOA VAI CONTINUAR SE TRABALHANDO"

LUIZA: PARA SE TRABALHAR, BASTA PROCURAR ALGO QUE DÊ PRAZER. DE ACORDO COM A PESQUISA IDOSOS NO BRASIL, 44% DOS ENTREVISTADOS SE

DISSERAM INTERESSADOS EM FAZER ALGUM CURSO OU TERMINAR OS ESTUDOS. E O IBGE CONFIRMA ESSA TENDÊNCIA. EM 1991, OS IDOSOS ESTUDAVAM CERCA DE 2,7 ANOS. EM 2009, O NÚMERO SUBIU PARA 4,2. REFLEXO DE MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA E DO MAIOR INTERESSE.

LUIZA: SE O INTERESSE PELOS ESTUDOS AUMENTOU, A DIVERSÃO TAMBÉM, PRINCIPALMENTE NAS CLASSES MÉDIA E MÉDIA ALTA. A PESQUISA IDOSOS NO BRASIL MOSTROU QUE 51% DOS ENTREVISTADOS DISSERAM TER MAIS POSSIBILIDADES DE LAZER DEPOIS DOS 60 ANOS. É O CASO DO EDMILSON DE OLIVEIRA, DE 81 ANOS E APOSENTADO COMO FUNCIONÁRIO PÚBLICO HÁ VINTE.

TEC: ENTRA SONORA EDMILSON DE OLIVEIRA

"(01:12) AGORA TENHO UMA ATIVIDADE FORTE. TODOS OS DIAS À TARDE EU JOGO DOMINÓ. AÍ É UMA ATIVIDADE CANSATIVA, ALI NA PRAÇA"

LUIZA: O DOMINÓ É A ÚNICA ATIVIDADE FIXA DE EDMILSON ATUALMENTE. E ELE NÃO QUER MAIS. GOSTA DA VIDA TRANQUILA, DE NÃO TER COMPROMISSOS.

TEC: ENTRA SONORA EDMILSON DE OLIVEIRA

"(00:05) JÁ TINHA 43 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO, FALEI "FICAR RICO NÃO VAI MAIS". TUDO TEM UMA ÉPOCA. TUDO TEM UM TEMPO, NÉ? CHEGOU O TEMPO E TEM QUE DAR LUGAR PARA O OUTRO. TEM GENTE QUE APOSENTA E FICA TRISTE, QUER VOLTAR. COMIGO ISSO NÃO ACONTECEU"

LUIZA: EDMILSON SE APOSENTOU FACILMENTE E NÃO SENTIU FALTA DO TRABALHO, MAS NEM SEMPRE É ASSIM. A PESQUISA IDOSOS NO BRASIL MOSTROU QUE 25% DAS PESSOAS COM MAIS DE 60 ANOS SENTIRAM DIFICULDADES NA HORA DA APOSENTADORIA. O MOTIVO PRINCIPAL FOI A FALTA DE ROTINA E DE MOTIVATAÇÃO. ALÉM DISSO, 95% DOS ENTREVISTADOS NÃO FORAM PREPARADOS PARA SE APOSENTAR, O QUE GERA AINDA MAIS PROBLEMAS. A PSICÓLOGA LETÍCIA

FLESCH EXPLICA QUE É IMPORTANTE PLANEJAR O FUTURO APÓS O TRABALHO, LEMBRAR DOS SONHOS ANTIGOS E PENSAR NO QUE AINDA PODE SER FEITO.

TEC: ENTRA SONORA LETÍCIA FLESCH

"(33:28) PORQUE AQUELA QUESTÃO, NÉ? O MUNDO ERA O TRABALHO. E DE REPENTE, E AGORA? QUAIS SÃO OS MEUS OBJETIVOS? PORQUE NINGUÉM CONSEGUE VIVER SEM OBJETIVOS. O QUE EU QUERO PARA A MINHA VIDA? A GENTE ACORDA TODO DIA PORQUE TEM UM OBJETIVO EM MENTE. E, SE A PESSOA NÃO TIVER ESSES OBJETIVOS, NÃO TIVER UMA RAZÃO PARA VIVER, COMO É QUE VAI VIVER BEM?"

LUIZA: LETÍCIA LEMBRA TAMBÉM QUE É IMPORTANTE QUE A PESSOA TENHA CONSCIÊNCIA DE QUE, INDEPENDENTE DO SEU MOMENTO DE VIDA, O TEMPO NÃO PARA. E QUEM QUER VIVER CONECTADO COM O MUNDO NÃO DEVE PARAR COM TODAS AS SUAS ATIVIDADES, A MENOS QUE SEJA UMA OPÇÃO CONSCIENTE.

TEC: ENTRA SONORA LETÍCIA FLESCH

"(35:45) PORQUE O QUE ACONTECE? PAROU A VIDA. ENVELHECI, PAROU A VIDA. MAS A VIDA NÃO PARA, A VIDA CONTINUA. COMO ELA VAI CONTINUAR, AÍ QUE SÃO AS ESCOLHAS. MAS PARAR A VIDA NUNCA VAI SER SAUDÁVEL"

LUIZA: MANTER UMA VIDA ATIVA DEPOIS DA APOSENTADORIA TAMBÉM AJUDA NOS PEQUENOS PROBLEMAS DE MEMÓRIA. O IDEAL É TER VÁRIAS ATIVIDADES, MAS FAZER PALAVRAS CRUZADAS, JOGAR DOMINÓ, DAMA OU PRINCIPALMENTE XADREZ DÃO UMA MAOZINHA NA HORA DE LEMBRAR DATAS E NOMES. O GERIATRA RENATO MAIA EXPLICA QUE É PRECISO DIFERENCIAR PEQUENOS PROBLEMAS DE MEMÓRIA DE DOENÇAS COMO ALZHEIMER.

TEC: ENTRA SONORA RENATO MAIA

"(13:05) É PRECISO FAZER UMA DIFERENÇA SOBRE DOENÇA DA MEMÓRIA E DISCRETAS ALTERAÇÕES DA MEMÓRIA. MUITAS PESSOAS, À MEDIDA EM QUE

ENVELHECEM, A MEMÓRIA FICA UM POUCO MAIS LENTA. É AQUELA PESSOA QUE VAI CHAMAR O NETO DE JOSÉ, MAS ANTES DE CHAMAR JOSÉ ELE CHAMA DE PAULO, OSVALDO E DE JOÃO PARA CHEGAR NO JOSÉ. É UMA DISTRAÇÃO, É A MEMÓRIA QUE ESTÁ MAIS LENTA. O QUE A GENTE PODE AFIRMAR É QUE A MAIORIA DAS PESSOAS VAI ENVELHECER SEM TER PROBLEMAS GRAVES DE MEMÓRIA"

LUIZA: E SE O TRABALHO AJUDA A NÃO ESQUECER AS COISAS, MARIA DOS ANJOS, DE 77 ANOS, NÃO VAI ESQUECER NUNCA OS NOMES DAS MAIS DE TRÊS MIL CRIANÇAS QUE PASSARAM POR SUAS MÃOS. HÁ 37 ANOS, ABRIU TRÊS INSTITUIÇÕES DE CARIDADE EM CEILÂNDIA, SEM NENHUM CONVÊNIO COM O GOVERNO, SOBREVIVENDO APENAS DE DOAÇÕES E DE BAZARES QUE FAZIA. SE APOSENTOU COMO COZINHEIRA E, HOJE, MARIA DOS ANJOS CONTINUA CUIDANDO DO ABRIGO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS MENTAIS. FORA DO ABRIGO, MARIA DOS ANJOS AINDA AJUDA ALGUNS CONHECIDOS EM CEILÂNDIA, LEVANDO COMIDA E SUA COMPANHIA SEMPRE DOCE. UM EXEMPLO DE VIDA HÁ QUASE 80 ANOS.

TEC: ENTRA SONORA MARIA DOS ANJOS

"(22:58) ONTEM MESMO EU ESTAVA CANSADA. AÍ PENSEI: VOU DESCANSAR. AÍ DEPOIS EU LEMBREI DE UMA VELHINHA QUE TEM DO OUTRO LADO DA RUA COM 87 ANOS. QUANDO EU LEMBREI DA VELHINHA EU FALEI: O QUÊ? NÃO, EU VOU LÁ. CHEGO LÁ É AQUELA FARRA, AQUELA ALEGRIA QUE A GENTE FICA. QUANDO EU VOLTO EU ESTOU DESCANSADA. ÀS VEZES EU TENHO UM POUQUINHO E ESSE POUQUINHO EU DIVIDO. QUANDO EU CHEGO LÁ ELA DIZ: AH, A ALEGRIA ESTÁ DENTRO DO MEU CORAÇÃO. E AQUILO ENTRA NO MEU TAMBÉM. EU AJUDO ELA E ELA ME AJUDA."

LUIZA: MARIA DOS ANJOS ACABA AJUDANDO AOS OUTROS E A SI MESMA. O IMPORTANTE É SE MANTER ATIVO, COMO LEMBRA O GERIATRA RENATO MAIA.

TEC: ENTRA SONORA RENATO MAIA

"(19:40) VOCÊ PODE APOSENTAR DO SEU SERVIÇO, MAS VOCÊ NÃO PODE APOSENTAR A SUA MENTE. QUEM TEM UMA ATIVIDADE, QUE FAZ UMA ATIVIDADE

AINDA QUE VOLUNTÁRIA, QUEM PREENCHE A SUA VIDA ESTÁ DANDO UM PASSO ADIANTE EM MANTER A QUALIDADE DE VIDA"

LUIZA: QUALIDADE DE VIDA QUE MARIA DOS ANJOS SENTE.

TEC: ENTRA SONORA MARIA DOS ANJOS

“(29:44) EU ME SINTO FELIZ, EU ME SINTO QUE ESTOU TÃO BEM, QUE ESTOU SERVINDO PARA ALGUMA COISA. E QUANDO ESTÁ DEITADO, SENTADO NO SOFÁ, ASSISTINDO TELEVISÃO, PARADO, COM AS PERNAS DOENDO, COM A COLUNA DOENDO, A CABEÇA DOENDO, AS MÃOS CHEIAS DE DOR, PRESSÃO ALTA, AH NÃO. FICAR PARADA NÃO É COMIGO NÃO”.

CHAMADA PARA A PRÓXIMA REPORTAGEM: NA PRÓXIMA REPORTAGEM, VOCÊ VAI OUVIR DE HISTÓRIAS SOBRE IDOSOS QUE DEIXAM MUITOS ADOLESCENTES PARA TRÁS QUANDO O ASSUNTO É ESPORTES. VOCÊ NÃO VAI FICAR PARADO, NÉ?

9.2.3 Terceira Reportagem

CHAMADA: NA SÉRIE QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE, TEMOS UM ASSUNTO PARA LÁ DE RADICAL. OS IDOSOS ESTÃO MUITO MAIS ATLETAS DO QUE SE IMAGINA. PESQUISAS MOSTRAM QUE MAIS DA METADA DELES CAMINHA TODOS OS DIAS. E NAO PÁRA POR AÍ. ALGUNS PRATICAM ESPORTES QUE DÃO MEDO EM MUITOS JOVENS. ESPECIALISTAS CONTAM QUAIS SÃO AS VANTAGENS DO EXERCÍCIO FÍSICO NA TERCEIRA IDADE, OS CUIDADOS QUE DEVEM SER TOMADOS E COMO A GERAÇÃO ESTÁ CADA VEZ MAIS ATIVA. CONTINUE COM A GENTE NESSA AVENTURA.

LUIZA: QUAL A IDADE MÁXIMA PARA SE PRATICAR NATAÇÃO, CORRIDA, RAPEL, UM SALTO DE PARAQUEDAS?

TEC: ENTRA POVO FALA

"EU ACHO QUE NINGUÉM COM MAIS DE TRINTA ANOS CONSEGUE FAZER ISSO NÃO"

"NEM EU QUE TENHO 23 ANOS TENHO CORAGEM DE PULAR DE PARAQUEDAS"

LUIZA: DONA GERALDA, DE 74 ANOS, TEM A REPOSTA PARA A PERGUNTA.

TEC: ENTRA SONORA DONA GERALDA

"(00:03) AH, EU FAÇO TUDO. EU FAÇO ASA DELTA, PARAPENTE. FAÇO RAPEL, EU SALTO ALI DA PONTE, FAÇO NATAÇÃO, FAÇO COMPETIÇÃO NO LAGO, FAÇO NOS CLUBES."

LUIZA: NÃO SATISFEITA COM TUDO ISSO, DONA GERALDA FEZ AINDA MAIS: PULOU DE PARAQUEDAS HÁ TRÊS ANOS, QUANDO TINHA 71. SEMPRE GOSTOU DE AVENTURAS, MAS COMEÇOU A ENTRAR MESMO NO ESPORTE MAIS TARDE, JÁ COM SESSENTA ANOS. CAMINHA E NADA TODOS OS DIAS, PULA DE TRAMPOLIM, FAZ TRAVESSIAS DE MAIS DE CINCO QUILOMETROS NO LAGO PARANOÁ, JÁ PARTICIPOU DO REVESAMENTO DE NATAÇÃO "25 HORAS NADANDO", PEDALA, PULA DA PONTE A MAIS DE 15 METROS DE ALTURA, ENTRE OUTRAS COISAS. AGORA, ELA ESTÁ QUERENDO FAZER UM RAPEL DE COSTAS EM UM PRÉDIO COM MAIS DE TRINTA METROS DE ALTURA.

TEC: ENTRA SONORA DONA GERALDA

"(17:40) MAS OS BOMBEIROS NÃO ESTÃO QUERENDO DEIXAR, PORQUE DIZEM QUE EU FICO DANDO MAU EXEMPLO. UMA VEZ EU CORTEI MEU PÉ, PORQUE EU FUI SALTAR ESCONDIDO E ELES ESTAVAM BEM LÁ EMBAIXO".

LUIZA: ESTRIPULIAS À PARTE, O PESSOAL COM MAIS DE SESSENTA ANOS ESTÁ COMEÇANDO A ENTRAR DE CABEÇA NO MUNDO DA ATIVIDADE FÍSICA. DE ACORDO COM A PESQUISA IDOSOS NO BRASIL, 51% DOS ENTREVISTADOS DISSERAM CAMINHAR TODOS OS DIAS. DADOS DO PNAD 2009, DO IBGE, MOSTRAM QUE APENAS

12% DOS IDOSOS FALARAM QUE TINHAM UMA CONDIÇÃO DE SAÚDE RUIM OU MUITO RUIM. E 86% DELES DISSERAM NÃO TER DIFICULDADES PARA CAMINHAR MAIS DE CEM METROS. PARA O GERIATRA RENATO MAIA, O GRUPO ESTÁ MAIS ATIVO E PROCURANDO NOVAS ATIVIDADES POR CAUSA DO AUMENTO DA INFORMAÇÃO E DAS MUDANÇAS NA PRÓPRIA SOCIEDADE.

TEC: ENTRA SONORA RENATO MAIA

"(11:08) ATÉ 30, 40 ANOS ATRÁS NÃO SE ESPERAVA MUITA COISA DA PESSOA COM MAIS DE 65 ANOS. ESPERAVA-SE QUE ELA FICASSE EM CASA, COM A ROUPA SOBRIA, CUIDASSE DOS NETOS, E QUE QUANDO MUITO ASSISTISSE TELEVISÃO. MUDOU A EXPECTATIVA. AS PESSOAS HOJE INDEPENDENTE DA IDADE ELAS QUEREM VIVER MAIS, QUEREM VIVER BEM, QUEREM SER ATIVAS. AS PESSOAS ESTÃO SE LIBERTANDO, ESTÃO ASSUMINDO UMA OUTRA VIDA, CONSTRUINDO UMA NOVA VELHICE".

LUIZA: E A NOVA VELHICE ESTÁ VINDO COM TUDO. MARIA JOSÉ TEM 63 ANOS. NÃO GOSTA DE ESPORTES RADICAIS COMO DONA GERALDA, MAS FAZ, EM MÉDIA, TRÊS HORAS DE EXERCÍCIOS FÍSICOS POR DIA, EM UMA ACADEMIA PERTO DE CASA.

TEC: ENTRA SONORA MARIA JOSÉ

"(01:55) É PUXADO, EU TENHO UMA RESISTÊNCIA, INCLUSIVE MAIS DO QUE A MINHA FILHA. E O PROFESSOR FICA ENCANTADO, ELE FALA QUE EU SOU A "ÍDALA" DELE. SEMPRE FAÇO TUDO QUE TENHO DIREITO."

LUIZA: MARIA JOSÉ TAMBÉM CAMINHA COM O MARIDO, DE 83 ANOS, TODOS OS DIAS. DEPOIS DA CAMINHADA, VAI PARA A ACADEMIA SE JUNTAR AO GRUPO DE DANÇA CHAMADO DIVAS, FORMADO APENAS POR SENHORAS COM MAIS DE 60 ANOS. E AS AULAS VÃO ALÉM DA DANÇA: AS 30 ALUNAS CONVERSAM, CONTAM PIADAS E SE DIVERTEM AO SOM DE MÚSICAS ESTIMULANTES.

TEC: ENTRA SONORA MARIA JOSÉ

"(02:37) MUITOS BENEFÍCIOS. EU ACHO QUE A AUTO-ESTIMA. PRINCIPALMENTE COM AS DIVAS, PORQUE A GENTE CHEGA LÁ, COM ESSA IDADE, E SE VÊ NO ESPELHO DANÇANDO E EU ACHO QUE ISSO FOI MUITO BOM. ENTÃO A GENTE SE SENTE LINDA, BONITA E GOSTOSA LÁ DANÇANDO"

LUIZA: ALÉM DAS AULAS, AS DIVAS SE REÚNEM SEMPRE PARA TOMAR CHÁ, IR AO CINEMA E A CAFÉS. O GERIATRA RENATO MAIA DIZ QUE EXERCÍCIOS FÍSICOS BENEFICIAM A SAÚDE E A SOCIALIZAÇÃO, QUE É EXTREMAMENTE IMPORTANTE PARA OS IDOSOS.

TEC: ENTRA SONORA RENATO MAIA

"(13:00) A ATIVIDADE FÍSICA TEM VÁRIOS ASPECTOS: PRIMEIRO, TEM OS ASPECTOS FÍSICOS NOTÓRIOS, QUE AUMENTA A MASSA MUSCULAR, DIMINUI AS CHANCES DE OSTEOPOROSE, DIMINUI RISCO DE DOENÇA CARDIOVASCULAR. ISSO TUDO É MUITO BEM-VINDO. O SEGUNDO PONTO É QUE A ATIVIDADE FÍSICA TAMBÉM FAVORECE A SOCIALIZAÇÃO. AS PESSOAS SAEM DE CASA E A SOCIALIZAÇÃO TAMBÉM É ALGO MUITO IMPORTANTE"

LUIZA: E NÃO TEM IDADE PARA DESFRUTAR DE TODOS ESSES BENEFÍCIOS. A PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA MARISETE SAFONS DIZ QUE TODOS PODEM - E DEVEM - COMEÇAR A SE MEXER, PARA UM CORPO E UMA MENTE MAIS SAUDÁVEIS.

TEC: ENTRA SONORA MARISETE SAFONS

"(01:10) VÁRIOS ESTUDOS DEMONSTRAM QUE PESSOAS ATIVAS AOS 60 ANOS TÊM UMA CONDIÇÃO FÍSICA MELHOR DO QUE PESSOAS INATIVAS AOS 40 ANOS. TEM OUTROS ESTUDOS QUE POR EXEMPLO DEMONSTRAM GANHOS DE 200% DE FORÇA EM NONAGENÁRIOS. ESSAS PESSOAS NÃO ESTÃO IMPEDIDAS DE FAZER NADA"

LUIZA: EXEMPLO DISSO É O APOSENTADO RIBAMAR COELHO, DE 94 ANOS. ÀS QUARTAS E SEXTAS ELE FAZ UMA CAMINHADA. TODA SEGUNDA, TERÇA E QUINTA PELA MANHÃ ELE VAI PARA O PROJETO VÔ, PRO PARQUE, ONDE OS MAIORES DE 60

ANOS NÃO TÊM FOLGA. ORIENTADOS POR DOIS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA, OS IDOSOS FAZEM UM CIRCUITO NOS APARELHOS DE GINÁSTICA DURANTE UMA HORA NO PARQUE OLHOS D'ÁGUA. RIBAMAR CONTA COMO SE SENTE DEPOIS DE TANTO EXERCÍCIO.

TEC: ENTRA SONORA RIBAMAR

"(00:14) MUITO BEM MESMO."

LUIZA: PARA QUEM QUER SE SENTIR BEM COMO RIBAMAR, É SÓ IR ATRÁS. ASSIM COMO O PROJETO VÔ, PRO PARQUE, VÁRIOS OUTROS EM TODO O DISTRITO FEDERAL ATENDEM, DE GRAÇA, IDOSOS INTERESSADOS EM MEXER O CORPO. GRAÇA ABREU, DE 61 ANOS, LARGOU A HIDROGINÁSTICA PORQUE ESTAVA ACHANDO MUITO CARO. NÃO QUIS FICAR PARADA E FOI ATRÁS DO PROJETO. AS EXPECTATIVAS SÃO GRANDES.

TEC: ENTRA SONORA GRAÇA ABREU

"(00:28) VOCÊ VÊ GENTE DIFERENTE, SAI DE DENTRO DE CASA. ISSO É BOM, CARA. VOCÊ INTERAGE COM MUITA GENTE. MELHORA A SAÚDE MESMO, NÉ?"

LUIZA: E POR FALAR NISSO, A PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA MARISETE ALERTA QUE AS DORES PODEM SER CONSEQUÊNCIA DA FALTA DE EXERCÍCIOS.

TEC: ENTRA SONORA MARISETE SAFONS

"(01:25) MUITAS VEZES DORES OU INCÔMODOS QUE A PESSOA SENTE SÃO DECORRENTES DA INATIVIDADE, DA FALTA DE EXERCÍCIO. ENTÃO POR ISSO QUE A ATIVIDADE FÍSICA TEM UMA SÉRIE DE RECOMENDAÇÕES PARA OS IDOSOS".

LUIZA: RECOMENDAÇÕES QUE NEM SEMPRE SÃO SEGUIDAS. DONA VANDA MARTINHO, DE 79 ANOS, NUNCA GOSTOU DE ATIVIDADE FÍSICA. HOJE, O MÁXIMO QUE FAZ É IR AO SUPERMERCADO, QUE FICA A QUINZE MINUTOS A PÉ DE SUA CASA. MESMO ASSIM, ELA CONFESSA QUE PÁRA UMAS DEZ VEZES NO CAMINHO.

TEC: ENTRA SONORA DONA VANDA

"(04:00) NÃO GOSTO MESMO, NUNCA GOSTEI. IMPRESSIONANTE. PARA OS OUTROS EU ACHO BONITO E TUDO, MAS..."

LUIZA: A FILHA, IVANA MARTINHO, ADORA ESPORTES E SEMPRE TENTOU, SEM SUCESSO, PUXAR A MÃE JUNTO. HOJE, JÁ DESISTIU. E DEDURA A DONA VANDA

TEC: ENTRA SONORA IVANA MARTINHO

"(02:25) SE DEIXAR FICA NO TRICÔ O DIA TODINHO SENTADA NO SOFÁ. TEM QUE PRIORIZAR UMA CAMINHADA, TOMAR UM SOL TODO DIA DE MANHÃ CEDO"

LUIZA: E HOJE, QUANDO IVANA CHAMA A DONA VANDA ATÉ PARA UMA CAMINHADA RÁPIDA, A RESPOSTA É SEMPRE A MESMA.

TEC: ENTRA SONORA DONA VANDA

"(07:10) NÃO, NÃO, VIXI..."

LUIZA: MAS PARA ESSES PREGUIÇOSOS, MARISETE LEMBRA DOS ESTUDOS QUE MOSTRAM A EFICIÊNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA PARA MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS.

TEC: ENTRA SONORA MARISETE SAFONS

"(21:30) SÃO ESTUDOS QUE NOS DEIXAM EM ALERTA. MOSTRA AOS SEDENTÁRIOS: VÃO COMEÇAR IMEDIATAMENTE. MAS NEM ISSO CONVENCE ALGUNS SEDENTÁRIOS CONVICTOS, NÉ, DE QUE ATIVIDADE FÍSICA É IMPORTANTE".

LUIZA: PARA QUEM QUER LARGAR O SOFÁ DE CASA E COMEÇAR UMA ATIVIDADE FÍSICA, O IDEAL É FAZER UMA AVALIAÇÃO MÉDICA PARA SABER AS CONDIÇÕES DE

SAÚDE. OUTRA DICA IMPORTANTE É FAZER TUDO SOB ORIENTAÇÃO DE PROFISSIONAIS E ACHAR UM EXERCÍCIO QUE AGRADE O PRATICANTE E QUE SEJA O MAIS ADEQUADO PARA A FINALIDADE QUE ELE PROCURA. É O QUE ACONSELHA O GERIATRA RENATO MAIA.

TEC: ENTRA SONORA RENATO MAIA

"(02:30) CADA ATIVIDADE FISICA TEM UMA REPERCUSSÃO. A NATAÇÃO, POR EXEMPLO, MELHORA A RESPIRAÇÃO, MAS TEM POUCA AÇÃO PARA OSTEOPOROSE. A CAMINHADA É BOA PARA TUDO E TAMBÉM ATUA NA OSTEOPOROSE. POR OUTRO LADO, QUEM TER ARTROSE NO JOELHO NÃO DEVE CAMINHAR. É PREFERÍVEL QUE FAÇA HIDROGINÁSTICA, GINÁSTICA NA PISCINA. QUER DIZER, EXISTE ATIVIDADE FÍSICA PARA TODAS AS FORMAS E CADA UM VAI ENCONTRAR AQUELA FORMA QUE LHE SEJA MAIS AGRADÁVEL, MAIS OPORTUNA."

LUIZA: E QUANTO MAIS MUSCULAÇÃO, MELHOR. A PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA MARISETE DIZ QUE NÃO TEM NADA A VER ESSE NEGÓCIO DE QUE MUSCULAÇÃO MAIS PESADA E IDOSO NÃO COMBINAM.

TEC: ENTRA SONORA MARISETE SAFONS

"(24:00) QUANTO MAIS EU TRABALHAR A MUSCULATURA, QUANTO MAIS FORÇA ELE FIZER, MELHOR, MAIS RESPOSTA AO TREINAMENTO ELE TEM E MELHOR ELE VAI RESPONDER AO TREINAMENTO. ENTÃO NÃO TEM NENHUM PROBLEMA TRABALHAR PESADO COM O IDOSO, OBVIAMENTE QUE RESPEITANDO AS LIMITAÇÕES DE CADA UM"

LUIZA: E DEPOIS DE UM TEMPO DE ATIVIDADE FÍSICA, O CORPO COMEÇA A PEDIR MAIS EXERCÍCIOS, LEVANDO OS IDOSOS A UMA VIDA MAIS SAUDÁVEL, SOCIÁVEL E COM QUALIDADE DE VIDA. E PARA QUEM ACHAVA QUE NA TERCEIRA IDADE TUDO ESTÁ PERDIDO, FICA O RECADDO DO GERIATRA RENATO MAIA.

TEC: ENTRA SONORA RENATO MAIA

"(05:23) O RÓTULO IDOSO, VELHO, NÃO QUER DIZER MUITA COISA. ELES APENAS DEFINEM UM GRUPO DE PESSOAS QUE TÊM COMUM UMA IDADE. CADA UM ENVELHECE DE UMA MANEIRA. ENTÃO HÁ PESSOAS QUE LEVARAM UMA VIDA ATIVA, QUE LEVARAM UMA VIDA EM QUE NÃO ACEITARAM LIMITAÇÕES E OBVIAMENTE VÃO CHEGAR À VELHICE ASSIM TAMBÉM."

LUIZA: LIMITAÇÃO QUE NÃO É COM A DONA GERALDA. ELA SE LEMBRA DO DIA EM QUE SALTOU DE PARAPENTE, NO RIO DE JANEIRO, HÁ DOIS ANOS.

TEC: ENTRA SONORA DONA GERALDA

"(21:35) VOCÊ DESCE E TEM QUE CORRER, NÉ? SEJA COMO DEUS QUISER. AÍ TODOS DOIS TÊM QUE CORRER, NÉ? AÍ VOCÊ DESCE AQUELE MORRO CORRENDO E "SSHHH". TEM QUE ACOMPANHAR O RAPAZ QUE ACOMPANHA A GENTE. AÍ QUANDO CHEGOU LÁ EMBAIXO, ELE FALOU ASSIM PARA A REPÓRTER: ELA ME PUXOU. E PUXEI MESMO, CORRI MAIS QUE ELE".

LUIZA: E QUEM CONHECE DONA GERALDA, SABE: NEM PENSE EM OFERECER AJUDA, PRINCIPALMENTE SE ELA ESTIVER FAZENDO RAPEL.

TEC: ENTRA SONORA DONA GERALDA

"(30:55) EU NÃO GOSTO QUE NINGUÉM FIQUE ME PEGANDO. AH, NÃO, TIRA A MÃE DAQUI. UMA VEZ ME DERAM UM PAU PARA EU FICAR SEGURANDO. EU DIGO ASSIM: ACHA QUE EU TO PRECISANDO DE BENGALA, É? SOME COM ESSA BENGALA PARA LÁ!"

CHAMADA PRÓXIMA REPORTAGEM: SE LIMITES NAO COMBINAM COM TERCEIRA IDADE, IMAGINE QUANDO O ASSUNTO É AMOR. É O QUE VOCÊ ENCONTRA NA PRÓXIMA REPORTAGEM.

9.2.4 Quarta Reportagem

CHAMADA: AGORA QUE VOCÊ JÁ PERCEBEU QUE OS IDOSOS PODEM LEVAR UMA VIDA SAUDÁVEL E AGITADA, QUE TAL QUEBRAR OUTRO PRECONCEITO? NA QUARTA REPORTAGEM, QUE VOCÊ VAI OUVIR AGORA, IDOSOS CONTAM SUAS HISTÓRIAS DE AMOR VIVIDAS APÓS OS 60 ANOS. COM OS FREQUENTES DIVÓRCIOS, AS PESSOAS ACABAM DESCOBRINDO NOVOS AMORES QUANDO JÁ ESTÃO MAIS VELHAS. OS PROBLEMAS E AS VANTAGENS DO NAMORO NA TERCEIRA IDADE SÃO TRATADOS NESTA REPORTAGEM, QUE ESTÁ RECHEADA DE HISTÓRIAS SURPREENDENTES.

TEC: ENTRA SONORA GLÓRIA

"09:10 - CHORA NÃO, JORGE, NÃO É PARA CHORAR. É PARA FICAR ALEGRE."

LUIZA: JORGE SE EMOCIONA TODA VEZ QUE SE LEMBRA DO SEU CASAMENTO COM GLÓRIA, NO ANO PASSADO. ELE TINHA 65 ANOS. ELA, 69. NUNCA IMAGINARAM SE CASAR NESSA IDADE, ATÉ SE CONHECEREM NO LAR DOS VELHINHOS.

TEC: ENTRA SONORA GLORIA

"(00:15) EU NUNCA QUE PENSEI NA MINHA VIDA EM CASAR COM ELE. DAÍ UM DIA VEIO UMA VISITA AQUI, UMA SENHORA E CONVERSOU COM ELE LÁ NA PISCINA. E EU ESTAVA SENTADA DEBAIXO DA ÁRVORE VENDO ELES CONVERSAREM, MAS NÃO SABIA QUE ELES ESTAVAM FALANDO DE MIM. E AÍ QUANDO ELE SAIU DE PERTO DAQUELA SENHORA ELA FOI FALAR COMIGO. DAÍ DISSE ASSIM: OLHA, AQUELE SENHOR QUE EU TAVA CONVERSANDO DISSE QUE QUER CASAR COM A SENHORA. DAÍ EU DISSE ASSIM: ENTÃO NÓS VAMOS CASAR AGORA. COM TRÊS MESES A GENTE JÁ ESTAVA CASADO.

LUIZA: E O CASAMENTO, REALIZADO PRÓPRIO LAR DOS VELHINHOS, TEVE DE TUDO: TAPETE VERMELHO, MUITAS FLORES, DOCES, CHAMPAGNE. GLÓRIA PASSOU O DIA NO SALÃO, SE PREPARANDO PARA O GRANDE MOMENTO. SAIU DE LÁ MAQUIADA,

COM VESTIDO DE NOIVA, VÉU, GRINALDA E UM BUQUÊ DE ROSAS. GLÓRIA NÃO MUDARIA NADA NO DIA MAIS FELIZ DA VIDA DELES.

TEC: ENTRA SONORA GLÓRIA

"(04:10) FOI UM CASAMENTÃO, MINHA FILHA. TEVE MUITA BEBIDA, MUITA COMIDA, MUITO DOCE. FOI TUDO TÃO GOSTOSO QUE NÃO DÁ NEM PARA DIZER QUAL FOI O MELHOR".

LUIZA: JORGE TEM UM PROBLEMA NAS CORDAS VOCAIS E NÃO CONSEGUE FALAR, MAS ESCUTA ATENCIOSAMENTE TUDO O QUE GLÓRIA DIZ. E CONCORDA COM O OLHAR. OS DOIS SE ENTENDEM DE UMA FORMA QUE SÓ ELES SABEM COMO.

TEC: ENTRA SONORA GLÓRIA

"(09:44) O QUE EU MAIS GOSTO NELE É O AMOR QUE ELE TEM POR EU. ELE ME AMA DE CORAÇÃO. E EU TAMBÉM, CLARO. MEU QUERIDINHO. GRAÇAS A DEUS A GENTE É ASSIM, É CARNE E UNHA. PARECE QUE É UM AMOR DE MIL ANOS ATRÁS."

LUIZA: SEGUNDO DADOS DO IBGE, EM 2003, 27 MIL PESSOAS COM MAIS DE 60 ANOS SE CASARAM EM TODO O BRASIL. EM 2009, SEIS ANOS DEPOIS, O NÚMERO PULOU PARA 37 MIL, UM AUMENTO DE 40%. ESSAS RELAÇÕES, DESDE QUE SEJAM SAUDÁVEIS, FAZEM MUITO BEM PARA A AUTOESTIMA E QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS. É O QUE PENSA A PSQUIATRA JUSSANE MENDONÇA.

TEC: ENTRA SONORA JUSSANE MENDONÇA

"(41:15) INVESTIR EM UMA RELAÇÃO, INVESTIR EM UM AFETO, INVESTIR EM UMA PAIXÃO, APAIXONAR-SE, ENAMORAR-SE, É SEMPRE VIDA"

LUIZA: VIDA QUE CONCEIÇÃO FERREIRA E ANTÔNIO CASTRO SABEM APROVEITAR. ELA TEM 71 ANOS. ELE, 72. SE CONHECERAM NO FORRÓ DA TERCEIRA IDADE E HOJE ESTÃO NAMORANDO HÁ DOIS ANOS, CADA UM EM SUA CASA. TEMPOS MODERNOS.

TEC: ENTRA SONORA CONCEIÇÃO

"(03:58) O POVO AGORA ESTÁ USANDO ISSO, NINGUÉM ESTÁ MAIS QUERENDO MAIS ASSIM UMA UNIÃO BEEEM TUDO JUNTO NÃO. CADA UM NA SUA, CADA UM NO SEU PEDAÇO. DÁ MAIS CERTO, EU ACHO"

LUIZA: MORAM SEPARADOS, MAS VIVEM JUNTOS. VIAJAM SEMPRE QUE PODEM E VÃO A VÁRIOS FORRÓS. MAS AI DE ALGUMA MULHER SE QUISER DANÇAR COM ANTÔNIO. SE A CONCEIÇÃO DEIXA?

TEC; ENTRA SONORA CONCEIÇÃO

"(24:00) NEM, É SÓ NOS DOIS. NÃO DANÇAM NÃO. UM DIA NÓS FOMOS EM UM BAILE E QUASE NÃO TINHA HOMEM, SÓ TINHA MULHER. VEIO UMA E FALOU: VOCÊ DEIXA EU DANÇAR COM SEU NAMORADO? EU FALEI: DEIXO NÃO. AÍ ARRUMARAM UMA VASSOURA. BONITO, NÉ? A GENTE PAGA PARA ELES DANÇAREM COM OUTRA. QUE DANCE COM A VASSOURA, UÉ".

LUIZA: ANTÔNIO TAMBÉM TEM CIÚMES DA CONCEIÇÃO. E AI DELA SE NÃO LIGAR PARA DAR BOA NOITE QUANDO ELES DORMEM SEPARADOS. COISAS QUE PARECEM DE ADOLESCENTE, MAS PEGAM TODOS DE SURPRESA QUANDO SE ESTÁ APAIXONADO. AS DECLARAÇÕES SÃO FEITAS TODA HORA.

TEC: ENTRA SONORA ANTÔNIO

"(26:20) PARA MIM, NÃO TEM DEFEITO. EU SOU APAIXONADO".

LUIZA: OS DOIS ACHAM QUE NAMORAR NA TERCEIRA IDADE É MUITO MELHOR DO QUE EM OUTRAS FASES DA VIDA. CONCEIÇÃO LEMBRA QUE ANTES OS RELACIONAMENTOS ERAM ARRANJADOS E NEM SEMPRE SE QUERIA A PESSOA PROMETIDA. HOJE, SE ELA ESTÁ COM ANTÊNIO, É POR OPÇÃO. PORQUE ELES QUEREM ESTAR JUNTOS. E A SENSACÃO É MELHOR AINDA.

TEC: ENTRA SONORA CONCEIÇÃO

"(17:55) PARECE QUE A GENTE PENSA QUE É NOVO. TEM HORA QUE PENSA "UAU". SEMPRE ESQUECE DA VELHICE. ESQUECE QUE É VELHO, NÃO ESTÁ NEM AÍ. VAI NUMA BOA. AGORA, DEPOIS DE VELHA, QUE EU ESTOU VIVENDO A VIDA"

LUIZA: NA VELHICE, POUCO IMPORTA O QUE A SOCIEDADE PENSA.

TEC: ENTRA SONORA CONCEIÇÃO

"(06:25) EU NÃO LIGO NÃO PARA O QUE O POVO FALA, O QUE O POVO PENSA. ESTOU NEM AÍ, EU VIVO A MINHA VIDA. NÃO ESQUENTO DE JEITO NENHUM".

LUIZA: MESMO QUE ALGUNS IDOSOS NÃO PERCEBAM, PARA O SEXÓLOGO RONALDO FREITAS A SOCIEDADE AINDA TEM UM CERTO PRECONCEITO COM RELACIONAMENTO NA TERCEIRA IDADE.

TEC: ENTRA SONORA RONALDO FREITAS

"(01:34) TER SEXO NA TERCEIRA IDADE É POSSÍVEL, SÓ QUE O PRECONCEITO SOCIAL AINDA É GRANDE. É UM PRECONCEITO QUE SEMPRE TEVE, ESTÁ SENDO RELATIVIZADO HOJE, MAS AINDA É MUITO GRANDE"

LUIZA: PARA A PSIQUIATRA JUSSANE MENDONÇA, A POPULAÇÃO PRECISA ENTENDER QUE O RELACIONAMENTO ENTRE IDOSOS É NATURAL. AFINAL, TODAS AS PESSOAS PRECISAM VIVER BEM COM A SEXUALIDADE PARA UMA VIDA SAUDÁVEL.

TEC: ENTRA SONORA JUSSANE MENDONÇA

"(42:15) A SEXUALIDADE NÃO DEIXA DE EXISTIR. TALVEZ NÃO COM O OFUROR DA JUVENTUDE, MAS A NECESSIDADE DE TER ALGUÉM, ATÉ A NECESSIDADE DE TER INTIMIDADE MESMO. ENTÃO TALVEZ A GENTE PRECISE AMADURECER UM POUCO

MAIS, EU ACHO QUE AINDA É UMA ZONA PENUMBRA. A GENTE AINDA TEM DIFICULDADE DE PENSAR QUE OS VELHOS FAZEM SEXO, QUE ELES TÊM DESEJO SEXUAL, QUE ELES PRECISAM SER SACIADOS, ATÉ NA SUA VAIDADE, DE PROVOCAR DESEJO NO OUTRO, DE SER ATRAENTE".

LUIZA: CLARO QUE EXISTEM EXCEÇÕES. DONA MAFISA BORGES, DE 73 ANOS, NÃO QUER SABER DE HOMEM NA CASA DELA. FOI CASADA DURANTE 10 ANOS. TEVE CINCO FILHOS E SE SEPAROU AINDA NOVA, AOS 29. DEPOIS DISSO, NUNCA MAIS QUIS SABER DE NINGUEM NO SEU PÉ.

TEC: ENTRA SONORA MAFISA

"(01:22) SÓ EM RELAÇÃO A MARIDO NÃO, JÁ FOI ABOLIDO. É PORQUE EU SOU MESMO UMA PESSOA BASTANTE INDEPENDENTE".

LUIZA: APESAR DE NÃO CURTIR A COMPANHIA DE UM HOMEM AO SEU LADO, MAFISA ADORA ENCONTRAR AS AMIGAS E A FAMÍLIA. GOSTA DA LIBERDADE E DE FAZER O QUE QUER. O AMOR DE MARIDO, ELA TROCOU POR OUTRA COISA, AINDA MAIS IMPORTANTE.

TEC: ENTRA SONORA MAFISA

"(11:10) O AMOR EU TROQUEI PELOS MEUS FILHOS, QUE AMOR TEM DE MUITAS FORMAS, NÉ? E MARIDO FUI EU MESMA. EU ACREDITO QUE, APESAR DE MUITA LUTA QUE EU TIVE, EU EVITEI MUITO PROBLEMA. PORQUE O RELACIONAMENTO TEM UM MONTE DE COISAS, TEM OS PROBLEMAS. ENTÃO EU TROQUEI UMA COISA PELA OUTRA. E FOI VÁLIDO."

LUIZA: SE A PESSOA ESTÁ SATISFEITA COM OUTRAS FUNÇÕES, ELA NÃO TEM A NECESSIDADE DE UM COMPANHEIRO, O QUE É NORMAL. A ENERGIA, NESSES CASOS, GERALMENTE, SE VOLTA PARA OUTRAS QUESTÕES, MUITAS VEZES FAMILIARES. É O QUE EXPLICA A PSQUIATRA JUSSANE MENDONÇA.

TEC: ENTRA SONORA JUSSANE MENDONÇA

"(41:45) TEM PESSOAS QUE NÃO PRECISAM DE UM OUTRO SEXUAL OU NAMORADO OU NAMORADA PARA SE RELACIONAR, PARA TER SEU LUGAR. TEM PESSOAS QUE LIDAM SUPER BEM COM A CONDIÇÃO DE VÔ, VÓ, DE TIO, DE TIA E TEM AS AMIGAS"

LUIZA: ISSO ACONTECE MAIS COM AS MULHERES. GERALMENTE, OS HOMENS CONSTROEM SEU NÚCLEO EM TORNO DA COMPANHEIRA. JÁ AS MULHERES TÊM VÁRIOS NÚCLEOS DIFERENTES, COMO FILHOS, NETOS. POR ISSO, O HOMEM TEM MAIS NECESSIDADE DE TER ALGUÉM AO SEU LADO.

TEC: ENTRA SONORA JUSSANE MENDONÇA

"(00:01) UMA MULHER VIÚVA ESTÁ MUITO MAIS INSERIDA DENTRO DO NÚCLEO FAMILIAR. ELA PARTICIPA MAIS, ELA TEM A REFERÊNCIA DO NETO COM ELA. O HOMEM VIÚVO FICA MAIS AFASTADO DISSO. ENTÃO ELE TEM A NECESSIDADE DE CONSTRUIR UM OUTRO NÚCLEO"

LUIZA: ADÉLIO, DE 85 ANOS, JÁ CONSTRUIU NOVOS NUCLEOS. TEVE CINCO FILHOS, FOI CASADO DURANTE 20 ANOS, MAS SE DIVORCIOU HÁ 30. HOJE, DESCOBRIU O QUE MAIS GOSTA DE FAZER:

TEC: ENTRA SONORA ADÉLIO

"(01:40) O VÍCIO MEU É DANÇAR E NAMORAR. EU NÃO FICO SEM NAMORADA NÃO"

LUIZA: ADÉLIO VAI A VÁRIOS FORRÓS DA TERCEIRA IDADE. E ARRUMA UMA NAMORADA EM CADA CANTO. JÁ PASSOU POR APUROS ALGUMAS VEZES.

TEC: ENTRA SONORA ADÉLIO

"(09:20) EU SEMPRE CRIEI DUAS, TRÊS NAMORADAS, PORQUE TEM FORRÓ EM VÁRIOS SETORES. EU SABIA QUE SE FREQUENTAVA EM UM SETOR, A OUTRA EU NÃO ENCONTRAVA. MAS UM DIA EU QUEBREI A CARA. UM DIA EU CHEGUEI NO FORRÓ E TINHA TRÊS. MAS EU SOU VIVO, OLHEI PELO LADO DE FORA, PELA VIDRAÇA E VI TODAS AS TRÊS. EU Ó, NÃO ENTREI, PORQUE UMA NÃO SABE DA OUTRA."

LUIZA: CONQUISTADOR, CHAMA TODO MUNDO DE MEU AMOR. QUASE UM DON JUAN DO FORRÓ BRASILIENSE. E ELAS MORREM DE CIÚMES.

TEC: ENTRA SONORA ADÉLIO

"(37:00) NUNCA FUI CIUMENTO, MAS SEMPRE AS NAMORADAS MINHAS SÃO CIUMENTAS. EU NÃO POSSO NEM OLHAR PARA OUTRA QUE ELAS FALAM: QUER DANÇAR COM ELA? NÓS PARAMOS E VOCÊ DANÇA COM ELA. EU FALO: QUE ISSO, MEU AMOR? É AMIGA MINHA."

LUIZA: MAS ESSA VIDA DE NAMORADOR MERECE CUIDADO. DADOS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE MOSTRAM QUE, ENTRE OS ANOS 1980 E 1997, FORAM REGISTRADOS 2.884 CASOS DE AIDS EM PESSOAS COM MAIS DE 60 ANOS EM TODO O BRASIL. DE 1998, QUANDO O VIAGRA FOI LANÇADO, A 2010, O NÚMERO PULOU PARA 12 MIL CONTAMINADOS, UM AUMENTO DE 300%. O SEXÓLOGO RONALDO FREITAS ALERTA QUE, MUITAS VEZES, OS PROBLEMAS SEXUAIS ENFRENTADOS POR IDOSOS ESTÃO MAIS RELACIONADOS A DOENÇAS DO QUE À PROPRIA IDADE.

TEC: ENTRA SONORA RONALDO FREITAS

"(02:10) NA TERCEIRA IDADE, AS PESSOAS MAIS SAUDÁVEIS, QUE CONSEGUEM ENVELHECER COM SAÚDE, ELAS TÊM MUITO MAIS CHANCE DE TER SEXO DE QUALIDADE. AGORA AQUELES QUE ENVELHECEM ADOECENDO, PERDENDO VITALIDADE, SEM FAZER ATIVIDADE FÍSICA, QUE NÃO SE ALIMENTAM ADEQUADAMENTE, QUE NÃO SE MANTÊM SAUDÁVEIS, ESSES REALMENTE TÊM SÉRIOS PROBLEMAS. MAS NÃO É PORQUE ESTÁ VELHO, É PORQUE ESTÁ DOENTE".

LUIZA: QUANDO A PESSOA SE PROTEGE E ESTÁ SAUDÁVEL, ELA TEM TUDO PARA TER UMA VIDA SEXUAL FELIZ E, CONSEQUENTEMENTE, VIVER MELHOR.

TEC: ENTRA SONORA RONALDO FREITAS

"(10:45) VOCÊ CONHECE ALGUM PRAZER MAIOR DO QUE PRAZER SEXUAL, MAIS NOBRE? EU ACHO QUE, SE VOCÊ PERGUNTAR PARA CEM PESSOAS, PELO MENOS 90 VÃO DIZER QUE O MAIOR DE TODOS OS PRAZERES É O PRAZER SEXUAL. POR QUE NÃO PARA O IDOSO TAMBÉM? POR QUE NEGAR A ELE ESSE PRAZER?"

LUIZA: NEGAÇÃO QUE CONCEIÇÃO E ANTÔNIO NÃO SOFREM. PARA ELES, O QUE IMPORTA É VIVER BEM E, DE PREFERÊNCIA, COM MUITO AMOR.

TEC: ENTRA SONORA CONCEIÇÃO

"(05:35) NÃO PODE APOSENTAR O CORAÇÃO DE JEITO NENHUM. TEM QUE APROVEITAR MAIS AINDA, QUE É PORQUE JÁ É CONTAGEM REGRESSIVA. TEM QUE APROVEITAR, NÉ? ESPERANDO O QUE? A MAIOR IDADE?"

LUIZA: SEU ADÉLIO, COM TODA A SUA ENERGIA CONTAGIANTE, TAMBÉM SABE APROVEITAR A VIDA - E COM RESPONSABILIDADE.

TEC: ENTRA SONORA ADÉLIO

"(23:17) É MUITO BOM QUANDO EU ESTOU NAMORANDO. A GENTE SENTE BEM, NÉ? DANÇAR É BOM PARA A SAÚDE, NAMORAR É MELHOR AINDA. CADA VEZ MAIS EU GOSTO DA MINHA VIDA E GOSTO DE VIVER. QUERO VIVER. COM SAÚDE, DO JEITO QUE EU ESTOU. E COM VÁRIAS NAMORADAS, EU GOSTO DE NAMORAR, É BOM DEMAIS."

LUIZA: A MÚSICA QUE ELE ESCOLHE PARA REPRESENTAR A SUA VIDA NÃO PODERIA TER OUTRO TEMA A NÃO SER UM BOM NAMORO.

TEC: ENTRA ADÉLIO CANTANDO

"(05:15) MOÇA, VAMOS NO PAGODE, MOÇA VAMOS NO PASSEIO, MOÇA VAMOS PASSEAR, NO PASSEIO TEM NAMORO, MOÇA VAMOS NAMORAR"

LUIZA: NÃO DIZEM QUE O AMOR DEIXA AS PESSOAS MAIS BONITAS? NA PRÓXIMA REPORTAGEM, SOBRE BELEZA, QUEM NÃO ACREDITA QUE IDOSOS PODEM SER BELOS VAI ACABAR MUDANDO DE IDEIA.

9.2.5 Quinta Reportagem

CHAMADA: QUE A BELEZA É IMPORTANTE PARA A SOCIEDADE, TODO MUNDO SABE. MAS COMO SERÁ QUE OS IDOSOS LIDAM COM ISSO? PESQUISAS MOSTRAM QUE ELES ESTÃO FICANDO CADA VEZ MAIS VAIDOSOS. A PROCURA POR CIRURGIAS PLÁSTICAS E PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS AUMENTOU ENTRE OS MAIORES DE 60 ANOS. SEGUNDO ESPECIALISTAS, ISSO PODE SIGNIFICAR UMA MAIOR AUTOESTIMA E VONTADE DE SE SENTIR BEM. POR OUTRO LADO, A VALORIZAÇÃO EXCESSIVA DA BELEZA PODE SER UM SINAL DE PERIGO. OS BENEFÍCIOS E OS LIMITES DAS BUSCAS POR SER BELO VOCÊ DESCOBRE AGORA, NA ÚLTIMA REPORTAGEM DA SÉRIE QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE.

TEC: ENTRA SONORA MARIA JOSÉ LÉLIS

"(13:32) - QUANDO EU ME TROCO, QUE EU BOTO UMA ROUPA BEM BONITA, QUE EU FAÇO UMA ESCOVA NO CABELO, ME OLHO NO ESPELHO, EU FICO FELIZ DE ESTAR ME OLHANDO, ME VENDENDO, O MEU RETRATO NO ESPELHO. POXA, QUE MARAVILHA, ESTOU TÃO BEM".

LUIZA: DONA MARIA JOSÉ LÉLIS TEM 76 ANOS. A BELEZA ACOMPANHOU SUA VIDA DESDE PEQUENININHA, MAS OS FRUTOS FORAM COLHIDOS RECENTEMENTE: ELA TEM QUATRO TÍTULOS DE MISS TERCEIRA IDADE DISTRITO FEDERAL, JÁ REPRESENTOU O BRASIL NO CONCURSO MERCOSUL, LEVANDO O PRIMEIRO LUGAR, E

PERDEU AS CONTAS DE QUANTAS VEZES FOI RAINHA DO GUARÁ E DO DISTRITO FEDERAL.

TEC: ENTRA SONORA MARIA JOSÉ

"(04:10) GOSTO DE SER BONITA, DE ME VESTIR BEM. MAS DEPOIS QUE EU ME APOSENTEI EU ME DEDIQUEI A MIM MESMA. NÃO TINHA MAIS QUE TRABALHAR PARA SUSTENTAR FILHO NO COLÉGIO, NEM NADA. E O DINHEIRO ERA SÓ MEU, ENTÃO EU PASSEI A INVESTIR EM MIM E INVISTO EM MIM ATÉ HOJE."

LUIZA: UM BATOM ALI, UM LÁPIS AQUI. QUEM NÃO GOSTA DE SE ARRUMAR E SE SENTIR BEM, AINDA MAIS QUANDO SE TEM TEMPO? MARIETA BOTELHO TEM 84 ANOS E UM ROSTINHO DE 60. AOS 55, FEZ UMA PLÁSTICA PARA DAR UMA ESTICADINHA LEVE NO ROSTO. RECENTEMENTE, FEZ OUTRO PROCEDIMENTO, DESTA VEZ MAIS SIMPLES: APENAS UMA LEVANTADINHA NA BOCA. ALÉM DISSO, TEM UM RITUAL DE BELEZA QUASE SECRETO: SABONETES ESPECIAIS, CREMES E EMULSÕES EM HORÁRIOS MARCADOS. MARIETA É MODESTA, MAS O RESULTADO DE TANTO CUIDADO É PERCEBIDO NOS ELOGIOS QUE RECEBE FREQUENTEMENTE.

TEC: ENTRA SONORA MARIETA BOTELHO

"(07:38) RECEBO E MORRO DE VERGONHA, EU FICO ACANHADA. FALO NÃO GENTE, NÃO É ASSIM. PORQUE ÀS VEZES ELES FALAM: A SENHORA TEM MESMO 84 ANOS? EU FALEI: TENHO. ELE FALA ASSIM: NÃO, A SENHORA NÃO PRECISA FALAR QUE TEM NÃO, PORQUE NÃO PARECE. A SENHORA TEM MUITA VITALIDADE AINDA."

LUIZA: MODESTIAS À PARTE, O CIRURGIÃO PLÁSTICO LUÍS FERNANDO GOMES RESSALTA QUE ATÉ AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES HUMANAS JÁ VALORIZAVAM A BELEZA. E NO MUNDO DE HOJE NÃO PODERIA SER DIFERENTE: SER BELO É IMPORTANTE, INDEPENDENTE DA IDADE. DE ACORDO COM LEVANTAMENTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA, 32% DAS PESSOAS QUE PARTEM PARA O BISTURI TÊM MAIS DE 50 ANOS. TUDO POR CONTA DO MAIOR ACESSO À CIRURGIA PLÁSTICA. OUTRO FATOR SÃO OS NOVOS REARRANJOS FAMILIARES:

ANTES, AS PESSOAS SE CASAVAM COM A CERTEZA DE QUE O CASAMENTO DURARIA PARA SEMPRE. HOJE, O DIVÓRCIO SE TORNOU ALGO CORRIQUEIRO. COM A VOLTA AO MERCADO AFETIVO, DIVORCIADOS PROCURAM FICAR BEM NA FITA.

TEC: ENTRA SONORA LUÍS FERNANDO

"(02:20) TODO MUNDO QUER SER DESEJADO, FAZER SUCESSO. NÃO EXISTE NENHUM SER HUMANO QUE NÃO TENHA VAIDADE".

LUIZA: ALÉM DISSO, A SOCIEDADE DE HOJE DÁ UM EMPURRÃOZINHO PARA QUE ELAS CONTINUEM BONITAS.

TEC: ENTRA SONORA LUÍS FERNANDO GOMES

"(03:00) NA REALIDADE, O COMPORTAMENTO DA MULHER PRINCIPALMENTE MUDOU. NAS DÉCADAS DE 50, 60 AS MULHERES ERAM PUDICAS E DEPOIS COMEÇOU A MULHER TER DIREITO AO SEXO E JUNTO COM ISSO VEIO O DIREITO À BELEZA. VOCÊ ATÉ VÊ UMA MULHER DE 60 ANOS HOJE EM DIA QUE TEM VIDA SEXUAL, QUE É BELA, QUE É JOVEM, QUE CUIDA DA PELE, QUE VAI PARA A ACADEMIA. O SEXO JÁ NÃO É MAIS PECADO, É UMA COISA BACANA. O DESEJO NÃO É MAIS FEIO. A COISA MUDOU GRADUALMENTE JUNTO COM O ACESSO À BELEZA. A TECNOLOGIA TRAZ A BELEZA. NÃO É SÓ A CIRURGIA PLÁSTICA, MAS COSMÉTICOS, TRATAMENTOS. ENTÃO A SOCIEDADE MUDOU PARA MELHOR? PARA MUITO MELHOR."

LUIZA: O FATO DE A PESSOA SER IDOSA NÃO TORNA A CIRURGIA MAIS COMPLICADA. TUDO DEPENDE DA SAÚDE DO PACIENTE, INDEPENDENTE DA IDADE. MAS PARA OS QUE TÊM MEDO DE PARTIR PARA UMA SALA CIRÚRGICA, AÍ VAI OUTRO DADO: PROCEDIMENTOS MAIS SIMPLES TAMBÉM TÊM GANHADO OS MAIS VELHOS. DE ACORDO COM A SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA ESTÉTICA, O NÚMERO DE PROCEDIMENTOS FEITOS EM IDOSOS AUMENTOU 30% NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS. O QUE MAIS INCOMODA, SEGUNDO A ESTETICISTA CLARICE RESENDE, SÃO AS TEMIDAS RUGUINHAS.

TEC: ENTRA SONORA CLARICE RESENDE

"(02:57) O QUE MAIS INCOMODA É ISSO, É A FLACIDEZ, AS RUGAS. ENTÃO ELAS TENTAM EVITAR ISSO DAÍ. ENTÃO A GENTE MELHORA A QUALIDADE DA PELE NO SENTIDO DE EVITAR OU DE PROLONGAR PARA QUE ESSE PROCESSO NÃO ACONTEÇA TÃO RÁPIDO. AS PESSOAS DA TERCEIRA IDADE HOJE SÃO PESSOAS QUE TOMARAM MUITO SOL E HOJE ESTÃO TENDO REFLEXO".

LUIZA: OS GANHOS, CONTA A ESTETICISTA, SÃO MUITO MAIORES ENTRE IDOSOS DO QUE ENTRE JOVENS E ADOLESCENTES.

TEC: ENTRA SONORA CLARICE RESENDE

"(05:59) EU TENHO PACIENTES INCLUSIVE QUE TRAZEM UM RETORNO ASSIM: QUE TEM AQUELES ENCONTROS ANUAIS COM AQUELA TURMA DA ESCOLA E QUE O PESSOAL DIZ "POXA VIDA, O QUE VOCÊ FAZ PARA SE MANTER ASSIM?" ENTÃO ISSO PARA A GENTE É UM RETORNO MARAVILHOSO, DE SABER QUE A PESSOA ESTÁ TENDO UMA RESPOSTA. E ELAS SÃO EXTREMAMENTE FIÉIS. ESSAS PESSOAS MAIS VELHAS SÃO MAIS FIÉIS, SÃO MAIS... ELAS VÊM DE UMA FORMA CERTINHA, CONSTANTE. LEVAM SUPER A SÉRIO."

LUIZA: MAS ÀS VEZES ESSA DISCIPLINA TODA PODE SER UM SINAL DE PERIGO. A PSICÓLOGA LETÍCIA FLESCH EXPLICA QUE, NO BRASIL, A BELEZA É MUITO VALORIZADA E, ASSIM, AUMENTA A PRESSÃO SOCIAL PARA QUE TODOS SEJAM BONITOS, O QUE PODE GERAR PROBLEMAS. SE A PESSOA COMEÇA A BUSCAR A BELEZA DE FORMA OBSESSIVA E NUNCA ESTÁ SATISFEITA, É HORA DE PROCURAR AJUDA.

TEC: ENTRA SONORA LETÍCIA FLESCH

"(39:44) TEM DUAS QUESTÕES AÍ QUE SÃO BEM IMPORTANTES: A PRIMEIRA É QUE HOJE NINGUÉM PODE SER FEIO. NÃO PODE, É PROIBIDO, É EXCLUÍDO DA SOCIEDADE. TODO MUNDO TEM QUE SER LINDO. EXISTE UMA GRANDE DIFERENÇA QUE TEM QUE

VER: O QUE ESTOU FAZENDO PARA CUIDAR DA MINHA BELEZA PARA ME SENTIR BEM, QUE VAI MELHORAR MINHA AUTO-ESTIMA, OU É UMA ESCRAVIZAÇÃO?"

LUIZA: DESSA ESCRAVIZAÇÃO A APOSENTADA MARIA AGUIAR PASSA LONGE. COM 67 ANOS E APENAS ALGUNS CABELOS BRANCOS, GRAÇAS À BOA GENÉTICA, MARIA CONTA QUE ESTÁ SATISFEITA COM A APARÊNCIA. NÃO PENSA EM PINTAR OS CABELOS OU FAZER PLÁSTICA E AINDA CONFESSA: O PROTETOR SOLAR, UM DOS POUCOS CUIDADOS QUE TOMA, AINDA É ESQUECIDO DE VEZ EM QUANDO.

TEC: ENTRA SONORA MARIA AGUIAR

"(01:37) NÃO É UMA COISA QUE É PRIORIDADE PARA MIM NÃO. EU QUERIA ESTAR BEM, MAS ASSIM, A MINHA SAÚDE, PARA NÃO TER DOR, NÃO TER OUTRAS COISAS, DO QUE OLHAR NO ESPELHO. QUER DIZER, SE NÃO TIVESSE ESPELHO NA MINHA CASA TAMBÉM NÃO IA FAZER FALTA"

LUIZA: E SE O ESPELHO NÃO FAZ FALTA NA CASA DA MARIA, NA DA MARIA JOSÉ FAZ, E MUITA. DESDE QUE SEJA DE UMA FORMA SAUDÁVEL, A BUSCA PELA BELEZA REFLETE UM AUMENTO NA AUTOESTIMA DOS IDOSOS, O QUE LEVA A UMA QUALIDADE DE VIDA MAIOR. É O QUE EXPLICA A ESTETICISTA CLARICE RESENDE.

TEC: ENTRA SONORA CLARICE RESENDE

"(07:10) NORMALMENTE, O QUE A GENTE TEM É UMA RESPOSTA MUITO BOA. DA PESSOA SE SENTIR FELIZ, DE ESTAR SEMPRE QUERENDO MELHORAR, NORMALMENTE SÃO PESSOAS QUE JÁ TÊM UMA AUTOESTIMA BOA. O FATO DA GENTE HIDRATAR, CUIDAR, TUDO ISSO MELHORA A AUTO-ESTIMA DA PESSOA. E ISSO É QUALIDADE DE VIDA. A PESSOA FAZ UM CARINHO NELA MESMA".

LUIZA: CARINHO QUE DONA MARIA JOSÉ CONTA

TEC: ENTRA SONORA MARIA JOSÉ

"(09:50) OUTRO DIA, EU IA PASSANDO ASSIM NA RUA, ACHO QUE FOI NO SHOPPING, AÍ VINHA UM RAPAZ NO SENTIDO CONTRÁRIO AO MEU. ELE FALOU ASSIM: DÁ LINCENÇA? AÍ EU PENSEI NÃO TINHA NINGUÉM PERTO ATRAPALHANDO A PASSAGEM DELE. ELE FALOU: EU VI QUANDO A SENHORA SAIU LÁ DA PONTA LÁ, QUANDO A SENHORA SAIU, FIQUEI OBSERVANDO PORQUE A SENHORA É MUITO BONITA, TEM OS OLHOS MUITO BONITOS, ENTÃO EU TIVE QUE FALAR ISSO PARA A SENHORA. E ISSO NÃO É BOM?".

CRÉDITOS: QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE. PRODUTO DESENVOLVIDO PELA ALUNA DE JORNALISMO LUIZA MACHADO, PELA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. ORIENTADORA: NÉLIA DEL BIANCO. PRODUÇÃO, TEXTO E LOCUÇÃO: LUIZA MACHADO. LOCUÇÃO VINHETA E CHAMADAS: MURILO GROSSI. EDIÇÃO: JOSEVALDO SOUSA E CARLOS JÚNIOR.

10 FOTOS

10.1 SEGUNDA REPORTAGEM



Carlos Rubens e sua maior paixão: o computador. Foto: Luiza Machado



Oscar Moren e sua esposa em uma exposição de arte. Foto: Blog Tiago Correia

10.2 TERCEIRA REPORTAGEM



Dona Geralda, pulando de paraquedas aos 71 anos. Foto: arquivo pessoal



As Divas, ao final de mais uma aula animada. Foto: divulgação



Algumas das 30 Divas em um dos encontros que fazem semanalmente. Foto: divulgação

10.3 QUARTA REPORTAGEM



Glória e Jorge em sua casa, no Lar dos Velhinhos do Núcleo Bandeirante. Foto: Luiza Machado



Adélio em um dos forrós da terceira idade que frequenta. Foto: Luiza Machado



Conceição e Antônio, após dançarem por quase 3 horas no forró da terceira idade. Foto: Luiza Machado

10.4 QUINTA REPORTAGEM



Maria José Lelis e um amigo, no forró da terceira idade. Foto: Luiza Machado